

PEDAGOGIAS

**HIP-
HOP**



**E AS
CULTURAS
JUVENIS
NAS ESCOLAS**

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA

COORDENAÇÃO:

Suelaine Carneiro

Coordenadora de Educação e Pesquisa

TEXTO:

Cristiane Dias

Gabriela Costa Lima

Jaqueline Lima Santos

EQUIPE TÉCNICA DA PESQUISA:

Clodoaldo Arruda

Cristiane Dias

Ildslaine Silva

Ingrid Silva

Jaqueline Santos

Layne Gabriele da Silva

Marcus Vinicius

REVISÃO:

Layne Gabriele da Silva

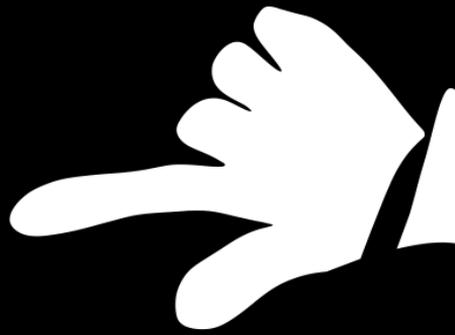
EDITORA ORALITURAS

Maitê Freitas

produção editorial

Silvana Martins Costa

projeto gráfico, diagramação e ilustração



PEDAGOGIAS



**E AS
CULTURAS
JUVENIS
NAS ESCOLAS**

Sumário

- 10** **INTRODUÇÃO**
- 18** **METODOLOGIA**
- 28** **PONTO DE PARTIDA:** As pedagogias da Geração *Hip-hop* com base na experiência do Projeto *Rappers*
- 48** **SOBRE DADOS E RESULTADOS:** A escuta de estudantes e profissionais da educação



- 96** **PEDAGOGIAS *HIP-HOP*** e
culturas juvenis nas
escolas
- 106** **PESQUISA IN LOCO**
- 113** **CULTURAS JUVENIS** nas
escolas
- 122** **CULTURAS JUVENIS COMO
CURRÍCULO** a partir da
pedagogia *Hip-hop*
- 166** **ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES**
- 170** **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



INTRODUÇÃO

Com o objetivo de dialogar com estudantes e profissionais da educação básica sobre **as pedagogias das culturas juvenis urbanas**, Geledés Instituto da Mulher Negra, apoiado pelo Itaú Educação e Trabalho, realizou o projeto Pedagogias da Geração Hip-hop e Culturas Juvenis nas Escolas. Esse projeto visou **reconhecer, valorizar e sistematizar os “modos de fazer, pensar e agir”** elaborados pela geração Hip-hop e pelas novas culturas juvenis no ambiente educacional, contribuindo para reduzir as desigualdades enfrentadas por crianças, adolescentes e jovens em idade escolar, além de fortalecer seus conhecimentos.

Essa iniciativa se conecta a um projeto realizado por Geledés entre 1992 e 1998, focado especificamente na juventude negra - o *Projeto Rappers*. Esse projeto consistiu em uma parceria pioneira entre uma ONG e artistas de rap, articulando a agenda

de Direitos Humanos e a ação cultural. Ativistas do *Hip-hop*, de grupos de *rap* de São Paulo, procuraram Geledés para denunciar a violência policial que sofriam devido às letras de suas músicas, que destacavam as condições de marginalização social, racismo, preconceitos e violências enfrentadas pelos jovens negros. Como resultado, eram frequentemente retirados dos palcos, em desrespeito ao direito à liberdade de expressão. O *Projeto Rappers* ofereceu formação sobre agendas de raça e gênero para ativistas do movimento *Hip-hop*, além de orientação jurídica para a garantia do direito à ocupação de espaços públicos e estratégias para atuação e incidência em espaços de tomada de decisão. Além disso, possibilitou a realização de importantes eventos culturais e a elaboração da primeira revista de *Hip-hop* do país, a *Pode Crê!*, que trazia informações sobre a cena cultural e temas de interesse da juventude negra, pobre e periférica.

Aliar educação e o combate à violência e ao racismo sempre foi central na atuação de praticantes da cultura *Hip-hop*. Consideramos, de acordo com vivências e estudos que fundamentam a temática, que a geração *Hip-hop* tem muito a ensinar e contribuir, principalmente para reduzir as desigualdades na educação

e propor metodologias que contemplem e integrem adolescentes e jovens em suas diversidades e diferenças. Esse movimento destaca a importância das culturas juvenis no processo educacional.

Apresentamos abaixo alguns dados que indica a importância de investir na trajetória educacional de grupos vulnerabilizados, evidenciando o papel central das culturas juvenis:

- *O Panorama da Violência Letal e Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Brasil* (2024) aponta que “para cada 100 mil habitantes no país, entre 0 e 19 anos, do sexo masculino e de cor negra, 18,2 são assassinados, enquanto a taxa de mortalidade para o mesmo grupo entre brancos é de 4,1 por 100 mil”. Isso significa que **“o risco relativo de um adolescente negro do sexo masculino ser assassinado no Brasil é 4,4 vezes superior ao de um adolescente branco do sexo masculino”** (p. 5).

- No âmbito educacional, os dados revelam desigualdades preocupantes. A taxa de distorção idade-série nos anos finais do Ensino Fundamental, em 2022,

foi de 14,5%. Esse indicador varia significativamente conforme gênero e raça/cor: cai para 8,6% entre meninas brancas, 12,2% entre meninos brancos e 13,3% entre meninas negras; entretanto, sobe para **20,3% entre meninos negros**.

- No Ensino Médio, a taxa de distorção idade-série é ainda mais elevada, alcançando 17,8%. Quando desagregada por gênero e raça/cor, observam-se as seguintes taxas: 11,6% para meninas brancas, 15,9% para meninos brancos, **18% para meninas negras e 22,9% para meninos negros**.

- De acordo com a PNAD (IBGE, 2016; 2023), a taxa de escolarização de jovens de 15 a 17 anos apresentou uma evolução positiva, passando de 61,5%, em 2016, para 71,3%, em 2022. Ao cruzar os dados por gênero e raça/cor, os seguintes avanços são evidentes: de 65,5% para 73,2% entre jovens brancos, de 70,7% para 78,8% entre jovens brancas, de 52,8% para 64,3% entre jovens negros e de 61,8% para 72,8% entre jovens negras.

As diferentes gerações do Hip-hop, provocadas pelas temáticas que esse



movimento traz ao debate público – como reflexões sobre a história, leituras críticas da realidade e construção de projetos e novas expectativas de vida –, **extrapolaram os limites impostos por uma sociedade excludente.** Hoje, elas vêm produzindo e articulando conhecimentos que podem contribuir para diversas áreas do saber, como história, geografia, física, química, letramento crítico, matemática, sociologia e artes. Isso porque a prática dos elementos da cultura *Hip-hop* exige cálculo, habilidade, segurança, reflexão, leitura e desenvolvimento de técnicas.

A produção do *rap* envolve a observação e leitura sócio-histórica, tecnologia de produção e programação musical com *samplings* e colagens musicais, além de uma escrita que conecta cenário, análise crítica e perspectivas sobre os problemas e diferentes realidades abordadas. Já o *grafitti* é, ao mesmo tempo, domínio de traços, cores e química, além da celebração de identidades marginalizadas e suas ideologias projetadas nas paredes das cidades. O *breaking*, por sua vez, hoje inserido nos Jogos Olímpicos, exige conhecimento sobre o corpo, noção de espaço, interpretação da performance



do grupo ou do sujeito rival, respostas criativas e comunicação corporal. **Em síntese, não seria exagero afirmar que a prática do Hip-hop também é ciência e que, para ser materializada, provocou a elaboração de uma pedagogia das ruas.**

Nesse sentido, visto que o Brasil já produziu diferentes gerações da cultura *Hip-hop* e, atualmente, tem grandes artistas projetados na esfera pública que influenciam e inspiram as novas gerações de adolescentes e jovens das periferias brasileiras, realizamos, neste projeto, um **exercício de sistematização das práticas protagonizadas pela geração Hip-hop e uma pesquisa sobre as culturas juvenis em cena no ambiente escolar.** Essas práticas podem auxiliar as estratégias pedagógicas de profissionais da educação.

Além disso, a cultura *Hip-hop* cada vez mais se destaca globalmente, com o *rap* sendo um dos estilos musicais mais ouvido no mundo, o *grafitti* ocupando grandes galerias de arte e o *breaking* sendo incluído nos Jogos Olímpicos de 2024 como categoria esportiva. **Esse movimento, que enfrentou diversas formas de cerceamento e perseguição política nas últimas décadas, agora, de forma sutil,**

mas impactante, encontra reconhecimento e celebração. O impacto social do *Hip-hop* nas periferias do Brasil e do mundo é evidente. O atual cenário confirma o valor cultural e intelectual do *Hip-hop* e sua capacidade de influenciar e mobilizar comunidades marginalizadas, fortalecendo a identidade e o senso de pertencimento de comunidades periféricas, ao mesmo tempo em que os permite ressignificar espaços, promovendo mudanças sociais significativas.

Buscando valorizar e registrar as pedagogias da geração *Hip-hop*, o projeto constituiu um grupo de trabalho de ativistas do *Hip-hop* que atuam como educadores e, por meio de pesquisa participativa, produziu um levantamento de materiais sobre *Hip-hop* e sua intersecção com a Educação. O projeto realizou uma pesquisa *in loco* para a identificação e sistematização das pedagogias da cultura *Hip-hop* e mapeou outras expressões culturais juvenis no espaço escolar, em diálogo ou como decorrência do *Hip-hop*, como batalhas de rima, *slam*, *funk* e *games*, entre outras. A pesquisa sobre *Hip-hop* e educação contou com a parceria do Arquivo Brasileiro de *Hip-hop* (AEL-UNICAMP), onde está localizado o acervo do *Projeto Rappers* de

Geledés Instituto da Mulher Negra.

A iniciativa tem por objetivo contribuir para a construção de novos diálogos e parcerias que possibilitem a introdução dessas pedagogias na formação de professores da educação básica, além de fortalecer as culturas juvenis em espaços escolares. Com esta publicação, apresentamos um material de referência das ações desenvolvidas para que sejam replicadas em outras localidades, contribuindo para reflexões e ações sobre a escola e seu papel como um espaço democrático que valoriza as diferentes vozes e formas de vivenciar o mundo.

SUELAINÉ CARNEIRO,

mestre em Educação pela UFSCar
e diretora de Educação e Pesquisa do
Geledés – Instituto da Mulher Negra



METODOLOGIA

***A escola ainda é o bem maior
que temos na vida e, se levada
a sério, é um local notável
que media nossa relação com
a cultura humana, a porta de
ingresso no mundo do espírito.***

Iray Carone¹

A proposta *in loco*² buscou demonstrar que a **escola se configura como um ponto de encontro entre diferentes trajetórias**. Quando situada em contextos de vulnerabilidade, assume uma estética de transgressão, permeando a música de protesto, poesias ritmadas, danças, malabarismos e movimentos corporais nada convencionais. Esses elementos, embora não alinhados ao currículo oficial, estão presentes na vivência dos estudantes (CARONE, 2011).

¹ Ver em CARONE, Iray. Prefácio. In: AMARAL, Mônica G. T.; CORTEZ, Maria C. (Orgs). Educação pública nas metrópoles brasileiras: impasses e novos desenlaces. Jundiaí, SP: Paco Editorial; São Paulo: Edusp, 2011.

A pesquisa apresentada neste livro investigou escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio no município de São Paulo, utilizando três metodologias: etnografia, entrevistas e grupos focais. O trabalho foi realizado entre julho e novembro de 2022. A etnografia buscou compreender o fluxo de interações dentro da comunidade escolar, considerando sua estrutura, dinâmica, formas de expressão e espaços de sociabilidade juvenil. As entrevistas individuais exploraram aspectos das experiências dos jovens, levando em conta suas vivências educacionais, formas de sociabilidade, identidades e expressões culturais. Por fim, os grupos focais promoveram a construção coletiva de narrativas e reflexões sobre as culturas juvenis no ambiente escolar.

Para conduzir esse estudo, foi formada uma equipe operacional composta por uma coordenadora e quatro pesquisadores – duas mulheres e dois homens –, todos autodeclarados negros e com experiência em *pesquisa-ação*. Inicialmente, quinze escolas foram convidadas a participar. No entanto, devido à pandemia e à crise política no país, o setor educacional foi gravemente afetado, resultando na desistência de algumas instituições

² A pesquisa *in loco* consiste na observação direta dos fatos, do ambiente, e das ações e reações dos pesquisados em seu próprio território.



ao longo do processo. Diante disso, foi necessário contatar outras escolas para substituí-las. As instituições selecionadas foram: EMEF Caio Sérgio Pompeu de Toledo, EMEF Prof. Mailson Delane, EMEF Des. Saturnino Pereira (DRE Guaianases), EE Lândia Santos (Ferraz de Vasconcelos), EMEF Dep. João Sussumo Hirata (DRE Santo Amaro), EMEF Enzo Antonio Silvestrini (DRE Pirituba/Jaraguá), EE Eulália Silva, EE Ronaldo Garibaldi Peretti, EE Dr. Afiz Gebara (Sul 2) e EMEF Levy de Azevedo Sodré (DRE Campo Limpo). Todas estão localizadas em áreas de alta vulnerabilidade de São Paulo.

Durante dois meses, cinco pesquisadores atuaram nessas nove escolas da cidade: seis de Ensino Fundamental II e tr s de Ensino Médio. O foco foi compreender as manifesta es das culturas juvenis no cotidiano escolar. Os pesquisadores investigaram a estrutura dessas culturas, os espaços de sociabilidade, a dinâmica de intera o, além do papel das juventudes e suas expressões culturais no ambiente escolar. Foram também realizadas entrevistas com estudantes, professores e gestores, abordando temas como territórios, sociabilidade, inclusão/



exclusão, diversidade e expressões culturais juvenis.

Foram conduzidos 10 grupos focais, no total, 70 estudantes e 18 profissionais da educação participaram da pesquisa, perfazendo 88 pessoas que contribuíram para a construção de uma narrativa coletiva sobre as culturas juvenis no ambiente escolar e seu potencial para atividades pedagógicas e curriculares. Além de sistematizar as culturas observadas, a pesquisa incluiu a perspectiva dos entrevistados, conectando essas experiências à Base Nacional Comum Curricular³ (BNCC).

Considerando o cenário de desigualdades mencionado anteriormente, seguimos rigorosamente o roteiro de trabalho proposto, orientando os pesquisadores a observar e escutar atentamente o ambiente escolar, bem como a conduzir as entrevistas individuais e focais. Essa abordagem foi essencial para capturar narrativas valiosas, que serviram como base para nossa análise e interpretação.

³ A Consideramos que a BNCC foi elaborada sob uma visão tecnicista, que prioriza resultados e homogeneiza saberes, em detrimento da valorização da pluralidade presente no espaço escolar e nos territórios. Essa abordagem não contribui para o fortalecimento da autonomia e do protagonismo dos estudantes, devido à sua organização, que fragmenta a aprendizagem e o conhecimento em componentes curriculares. Além disso, a educação antirracista é frequentemente negligenciada em seus pressupostos. Esta publicação, que tem como objetivo defender o protagonismo e a autonomia juvenil ao abordar as práticas das culturas juvenis na BNCC, integra-se às manifestações de diversos educadores que evidenciam os limites presentes no documento para a elaboração dos currículos escolares. Também apresentamos possibilidades para sua reinterpretação, a partir da incorporação das culturas negras e periféricas nos projetos pedagógicos das escolas.

As entrevistas realizadas nas escolas forneceram informações atualizadas sobre a reabertura das unidades de ensino durante a pandemia (2020 a 2022), permitindo mapear as necessidades educacionais e podendo contribuir para a formulação de políticas públicas que valorizem o protagonismo juvenil.

Identificamos nas escolas uma geração criativa e talentosa que carece de oportunidades para aplicar seus conhecimentos e compartilhar suas vivências. Este projeto valoriza as experiências culturais dos estudantes, **promovendo seu desenvolvimento como protagonistas de suas histórias** e contribuindo para o surgimento de novos talentos no contexto escolar. Além disso, o projeto ajuda a reduzir os níveis de violência na escola, ao proporcionar um sentido de pertencimento aos alunos. Portanto, é crucial que iniciativas como essa se tornem permanentes nas escolas públicas, assegurando seu impacto positivo no ambiente educacional.

A escuta foi conduzida com base em princípios de equidade e inclusão, envolvendo grupos diversos de interlocutores, considerando fatores como raça, gênero e idade. Os

resultados do trabalho de campo foram sistematizados diariamente em fichas orientadas pelas questões da pesquisa. Posteriormente, imagens, gravações e cadernos de campo foram analisados para elaborar um diagnóstico contextual, subsidiando a sistematização das culturas juvenis no ambiente escolar.

A pesquisa, a análise dos resultados e a divulgação dos materiais seguiram rigorosamente os critérios de Geledés Instituto da Mulher Negra, incluindo a Política de Proteção de Dados. As informações coletadas foram tratadas de maneira confidencial, com os dados pessoais armazenados de forma segura, anonimizados e utilizados exclusivamente para este projeto. A pesquisa foi conduzida em conformidade com as exigências éticas e científicas para estudos envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes foram informados adequadamente sobre o estudo e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo o respeito à sua dignidade e autonomia.



OS OBJETIVOS DA PESQUISA SÃO:

- Desenvolver um diagnóstico contextual sobre as experiências educacionais e as culturas juvenis nas escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio;
- Sistematizar as experiências de culturas e sociabilidade juvenil no ambiente escolar;
- Elaborar propostas metodológicas para a valorização e incorporação das culturas juvenis como parte da estratégia pedagógica no ambiente escolar;
- Reunir educadores do movimento *Hip-hop* para sistematizar suas pedagogias e contribuições como estratégias de inclusão e promoção da equidade no campo educacional.

AS PERGUNTAS NORTEADORAS DA PESQUISA SÃO:

1. Como se manifestam as experiências educacionais e de sociabilidade dos jovens estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio nas escolas da cidade de São Paulo?

2. Qual é o papel do protagonismo juvenil e das culturas juvenis na escola?
3. De que forma as expressões de sociabilidade e culturas juvenis podem contribuir para as estratégias pedagógicas e para o desenvolvimento educacional dos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio?
4. O que caracteriza a pedagogia *Hip-hop* e como ela contribui para o desenvolvimento de um currículo pautado nas experiências juvenis e na equidade?

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Reunião Formativa: a instrução sobre a pesquisa foi conduzida por Jaqueline Santos e Suelaine Carneiro, com o objetivo de reunir a Coordenadora e a Equipe de Pesquisa. Durante o encontro, foram apresentadas as escolas iniciais a serem contatadas para verificar o interesse na participação no estudo. Também foi realizada a divisão do grupo operativo.

Reunião de Acompanhamento: nesta reunião, foram fornecidas orientações sobre o processo de submissão dos dados no Drive.

Encaminhamento da Carta de Autorização para a Secretaria Municipal de Educação (SME): a SME encaminhou a Carta de Autorização às Diretorias Regionais de Educação (DREs) de Campo Limpo, Guaianazes, Jaraguá/Pirituba e Butantã. No entanto, devido à falta de interesse de algumas escolas em participar da pesquisa, foi necessário contatar novas instituições, incluindo escolas estaduais parceiras.

DISTRIBUIÇÃO DE ESCOLAS POR EQUIPE:

- **Ingrid Silva e Marcus Vinicius:** EE Eulália Silva, EE Ronaldo Garibaldi, EE Dr. Afiz Gebara, EMEF Mailson Delane, EMEF Levy de Azevedo Sodré.
- **Clodoaldo e Sharylaine:** EE Luis Gonzaga Travassos da Rosa, EE Landia dos Santos, EMEF Caio Pompeu de Toledo, EMEF Des. Saturnino Pereira, EMEF Dep. João Sussumo Hirata, EMEF Enzo Antonio Silvestrini.

Contato com as Escolas do Campo de Pesquisa: o primeiro contato com as escolas foi realizado pela coordenação,

via *e-mail* ou *WhatsApp*. A formalização ocorreu com o envio da Carta de Autorização por *e-mail*, seguido por visita técnica. Após essa etapa, os agendamentos para a presença dos pesquisadores nas instituições foram realizados. Embora o plano inicial fosse realizar as entrevistas em dois dias, houve a necessidade de adaptações ao longo do processo, com algumas escolas demandando entre três e cinco visitas para a conclusão da pesquisa.

Análise do Campo e Produção do

Relatório: durante as visitas, foram registrados dados e capturadas mídias audiovisuais, que embasaram a análise e a posterior produção do relatório final.

Entre os desafios metodológicos, destacamos a dificuldade de dialogar com algumas escolas, especialmente devido aos valores particulares das comunidades, como nas escolas onde a fé cristã é predominante. A falta de autonomia dos estudantes também foi um desafio significativo. O processo de coleta das autorizações junto aos responsáveis frequentemente se estendeu mais do que o ideal, resultando em um número reduzido de estudantes disponíveis para participar da pesquisa.



PONTO DE PARTIDA: As pedagogias da Geração *Hip-hop* com base na experiência do Projeto *Rappers*

O Projeto *Rappers* foi uma iniciativa que abriu espaço para a pedagogia da geração *Hip-hop*, uma pedagogia, que é, sobretudo, essencialmente nativa. **Trabalhar com a Pedagogia *Hip-hop* não significa apenas utilizá-la como ferramenta pedagógica, mas sim criar um ambiente onde os participantes do processo formativo tenham liberdade para colocá-la em prática e contribuir ativamente para a educação.** Em outras palavras, é fundamental reconhecer que os educandos também possuem conhecimentos, estratégias e práticas que enriquecem a formação, de modo que todos desempenham um papel crucial no desenvolvimento educacional. Essa abordagem promove o protagonismo e o engajamento dos participantes ao longo do percurso formativo.



We don't need education to base or connect itself to us if that education does not fully reflect us. The field of education must begin to make sense of Hip-hop sensibilities that includes dress, talk, and self-expression. The core elements of emceeing, b.boying, dee-jaying and graffiti must be seen as academic subjects and Hip-hop must be seen as the curriculum and the pedagogy. #HipHopEd argues not for a basing of what we do in formal education, but for a philosophical and conceptual understanding of Hip-hop as education. I see this approach as a critical Hip-hop pedagogy (CHHP) with a revolutionary philosophy. This is #HipHopEdu (EMDIN, 2018, p. 3).

TRADUÇÃO LIVRE: Não precisamos da educação para nos fundamentar ou conectar, se essa educação não nos reflete plenamente. O campo da educação deve começar a dar sentido às sensibilidades do Hip-hop, que incluem vestir, falar e autoexpressão. Os elementos centrais de MC, b.boying, deejaying e grafite devem ser vistos como assuntos

acadêmicos, e o *Hip-hop* deve ser considerado tanto o currículo quanto a pedagogia. #HiphopEd defende não um embasamento do que fazemos na educação formal, mas um entendimento filosófico e conceitual do *Hip-hop* como educação. Vejo essa abordagem como uma pedagogia crítica do *Hip-hop* (CHHP) com uma filosofia revolucionária. Isso é #HiphopEdu (EMDIN, 2018, p. 3).

A experiência do Projeto *Rappers* exemplifica a possibilidade de utilizar o *Hip-hop* como uma pedagogia autêntica: ouvir, valorizar e dar protagonismo aos jovens e suas práticas culturais. Conforme Christoph Emdin (2018), a Pedagogia *Hip-hop* "é um movimento que visa interromper as estruturas opressivas das escolas e da escolaridade para jovens marginalizados, por meio de uma reformulação do *Hip-hop* na esfera pública" (p. 1). Esse enfoque está centrado na ciência e na arte de aprender e ensinar dentro desse movimento. O movimento dá visibilidade às narrativas silenciadas e às estratégias afetivas de educação que existem na geração *Hip-hop*. Assim,

trabalhar com a Pedagogia *Hip-hop* é demonstrar "brilhantismo, resiliência, criatividade e proeza intelectual daqueles que fazem parte da cultura *Hip-hop*, mas não alcançam o 'sucesso' escolar" (p. 2).

Emdin (2018) enfatiza que a Pedagogia *Hip-hop* nega as estratégias educacionais que visam doutrinar os jovens em modelos comportamentais dominantes e descontextualizados, que desconsideram os elementos socioculturais dos quais esses jovens fazem parte e que não atendem às suas necessidades. **Assim, essa pedagogia nos desafia a reconhecer a potência onde ninguém mais vê, partindo da compreensão dos grupos e de seus contextos dentro de suas próprias lógicas.**

Em 1990, quando os *Hip-hoppers* chegaram à Geledés para compartilhar sua experiência na cidade de São Paulo, **a organização adotou uma metodologia de diálogo que possibilitou a ativação dessa pedagogia nativa.** Em um momento em que esses jovens eram vistos pelo Estado e pela sociedade como um risco, eles foram tratados como protagonistas pelo feminismo negro.



Como organização da sociedade civil, ao responder à demanda dos jovens por formação e ferramentas para a defesa de seus direitos, a instituição inicialmente buscou compreender seus universos, linguagens e necessidades. Para isso, foram criados espaços de diálogo e escuta, culminando no desenvolvimento do Projeto *Rappers*. Inspirada pela perspectiva freireana de "palavramundo", que afirma que "existir, humanamente, é pronunciar o mundo", a iniciativa permitiu que esses jovens construíssem uma consciência baseada em suas próprias realidades. Esse processo os ajudou a organizar sua intervenção no mundo a partir de suas experiências vividas (Freire, 1997).

Durante o Projeto *Rappers*, foram realizadas duas oficinas com a Profa. Dra. Nilma Lino Gomes, antropóloga e especialista em educação, diversidade, relações raciais e equidade. O primeiro seminário, realizado em 1993, teve como tema "Os jovens *rappers* e a educação formal: qual é o papel da escola?". O segundo, também em 1993, discutiu "Os jovens *rappers* e a educação formal: analisando a escola".

Nesses encontros, os *Hip-hoppers* foram protagonistas nas discussões



sobre suas expressões culturais e a educação formal. Relataram como as escolas frequentemente ignoram a presença de estudantes negros, bem como o repertório social e cultural que eles trazem. Também mencionaram a falta de posicionamento das escolas diante de situações de racismo, a desigualdade de tratamento por parte dos docentes e a ausência de estratégias curriculares que incluam a experiência da população negra, além de elementos da história e cultura africana e afro-brasileira.

Os participantes do Projeto Rappers compartilharam histórias pessoais, como casos de estudantes que abandonaram a escola devido ao racismo cotidiano. Além disso, discutiam temas como a qualidade da educação, perspectivas de atuação profissional e a retenção escolar. Esses encontros evidenciaram que, na época inseridos no ambiente escolar, esses jovens desenvolveram uma reflexão crítica sobre suas experiências. As atividades que realizam fora da escola, ao praticarem os elementos da cultura *Hip-hop*, contrastam com a exclusão que vivenciaram e os engajaram em agendas políticas e sociais.

Christopher Emdin (2018) destaca que "a linguagem da justiça social e a relevância cultural" trazidas pelo *Hip-hop* no processo educacional são ferramentas cruciais para quem busca promover equidade. Educadores do *Hip-hop* utilizam "a música, a arte e a cultura *Hip-hop* como âncora para estabelecer a justiça social e a relevância cultural no ensino" (p. 4). Nesse sentido, a Pedagogia *Hip-hop* valoriza as pessoas como elas são, considerando sua origem, os elementos que compõem seu contexto sociocultural e as formas como enxergam o mundo.

Emdin (2018) enfatiza que a **Pedagogia *Hip-hop* desafia os métodos tradicionais de educação, que precisam ser redefinidos para romper com o ciclo de opressão emocional e intelectual enfrentado pela juventude negra, pobre e periférica.** Enquanto muitas escolas consideram sucesso a conformidade aos padrões tradicionais, a Pedagogia *Hip-hop* vê essa conformidade como fracasso. Para essa abordagem pedagógica, muitos jovens excluídos das escolas tradicionais são, na verdade, considerados gênios no *Hip-hop*, devido à sua criatividade.

O modelo educacional tradicional busca formar indivíduos de maneira instrutiva e subserviente, enquanto a Pedagogia *Hip-hop* permite que os jovens desenvolvam uma autopercepção positiva, se reconheçam e se orgulhem de sua história e herança, muitas vezes silenciadas.

The #HipHopEd(ucator) makes it public that blind enculturation is a chief task of schools for urban youth of color and reimagine out loud what schools would/could look and feel like if Hip-hop was the chief tool that guides instruction. We reject any pedagogy whose aim is to indoctrinate youth into norms that do not serve their interests or reflect the cultural norms of their communities. Rather, we highlight the pedagogical practices that are inherent yo Hip-hop, and then provide evidence for how they have positively impacted youth. In this process, we highlight the ways that traditional schooling has convinced many who were raised in and by Hip-hop to abandon or ignore the Hip-hop within them (EMDIN, 2018, P. 6).



TRADUÇÃO LIVRE: O #HipHopEd(ucator) torna público que a enculturação cega é uma tarefa principal das escolas para jovens urbanos de cor e reimagina, em voz alta, como as escolas seriam se o Hip-hop fosse a principal ferramenta que orienta a instrução. Rejeitamos qualquer pedagogia cujo objetivo seja doutrinar os jovens em normas que não atendam aos seus interesses ou reflitam as normas culturais de suas comunidades. Em vez disso, destacamos as práticas pedagógicas inerentes ao Hip-hop e, em seguida, fornecemos evidências de como elas impactaram positivamente a juventude. Nesse processo, destacamos as maneiras pelas quais a escolaridade tradicional convenceu muitos que foram criados no Hip-hop a abandonar ou ignorar o Hip-hop dentro deles (EMDIN, 2018, P. 6).

Geledés Instituto da Mulher Negra, por meio do Projeto *Rappers*, fortalece a pedagogia da geração *Hip-hop* adotando estratégias que promovem o protagonismo dos jovens desse movimento. Essas estratégias incluem:



Valorizar as produções e as formas de leitura da sociedade desenvolvidas por esses jovens;
Estabelecer um diálogo intergeracional, conectando as experiências de diferentes gerações;
Criar conexões entre lutas de diferentes períodos históricos, promovendo a noção de legado e abrindo-se a novas formas de pensar e agir, assegurando a continuidade da transformação social;
Propor o desenvolvimento de projetos baseados nas ideias, interesses e repertórios social, cultural e político dos próprios jovens, tornando-os responsáveis por sua elaboração e execução;
Compartilhar ferramentas e conhecimentos técnicos de acordo com as necessidades e oportunidades surgidas ao longo do projeto, promovendo o desenvolvimento integral dos jovens.

O contato institucional com o movimento *Hip-hop*, ao abordar temas centrais como história, leitura crítica da realidade e construção de novos projetos de vida, evidenciou ao Geledés

que a geração *Hip-hop* ultrapassou os limites impostos por uma sociedade excludente. Hoje, os *Hip-hoppers* produzem e articulam conhecimentos em diversas áreas. Isso se deve à complexidade e à riqueza dos elementos da cultura *Hip-hop*, que exigem, além de criatividade, habilidades como cálculo, segurança e reflexão.

A produção de *rap*, por exemplo, envolve a observação crítica e a leitura sócio-histórica, além do uso de tecnologia para produção musical. O *grafitti* demanda domínio de técnicas de traços, cores e química, ao mesmo tempo que expressa a valorização de identidades marginalizadas e suas ideologias. Já o *breaking* requer profundo conhecimento sobre o corpo, noção espacial, criatividade e capacidade de comunicação corporal.

O *Hip-hop*, além de promover o desenvolvimento de competências e habilidades, tem um papel essencial no reposicionamento dos sujeitos, oferecendo-lhes uma visão crítica tanto de seu contexto social e cultural quanto de outros espaços. Os jovens envolvidos nesse movimento são incentivados a criar narrativas que

vão além da mera expressão pessoal; eles elaboram uma leitura negra e periférica que abrange não apenas seus territórios e grupos, mas a sociedade como um todo. Essas narrativas, construídas a partir de suas vivências cotidianas, apresentam as seguintes características:

- 1. Destacam realidades** que se configuram como fontes potentes de oposição às práticas institucionais de silenciamento e às ideologias de contenção, evidenciando temas como as relações de poder e as desigualdades.
- 2. São expressas por meio de linguagens** que possibilitam a liberdade criativa, como a música e a poesia, conferindo à cultura um potencial de mobilização política.
- 3. Produzem corpos dissidentes** que, em sua totalidade, não correspondem às crenças, aos valores e à estética dominantes. Esses corpos dissidentes podem ser compreendidos tanto como potenciais transformadores da nação quanto como inimigos públicos do modelo hegemônico.



Esses corpos, diante da sociedade, possuem um potencial subversivo que, em um primeiro momento, pode causar receio. No entanto, suas narrativas, ao se aproximarem da vida cotidiana, acabam conquistando adeptos, ainda que de forma silenciada. Não são apenas vozes contestadoras ou narradoras de fatos; são também proponentes de um novo projeto de sociedade (SANTOS, 2019).

Essas produções buscam compreender o passado para interpretar criticamente o presente e projetar novas perspectivas de futuro. A história desempenha um papel central no pensamento dos ativistas do *Hip-hop*, oferecendo bases para a transformação social. Por meio dela, a diáspora negra fundamenta sua luta por novos paradigmas, revelando:

- a) Ideias e fatos silenciados pelo colonialismo, pela escravidão e pelos sistemas de segregação racial.
- b) O protagonismo e as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para o desenvolvimento da humanidade.
- c) A reposição de corpos negros



desumanizados pelo racismo, o que, segundo Steve Biko (1990), representa a recuperação de uma humanidade roubada.

Dentro dessa perspectiva, a Pedagogia *Hip-hop* se alinha à pedagogia crítica. Dias (2018) argumenta que essa pedagogia “propõe estimular e ensinar os alunos a questionar como estão sendo educados. **Inicialmente, o aluno entende que faz parte de uma sociedade e, posteriormente, analisa os problemas dessa sociedade para sugerir modificações em sua estrutura**” (p. 150). Para a autora, a Pedagogia *Hip-hop* oferece um caminho para a cidadania por meio de uma abordagem multidisciplinar, que envolve o acesso ao conhecimento em várias áreas e estimula o pensamento crítico e o engajamento social.

No Projeto *Rappers*, os *Hip-hoppers* desenvolveram uma metodologia própria de formação, baseada em uma rede de referências ligadas à cultura e história afro-diaspóricas e africanas, difundidas pelo país através da *Revista Pode Crê!*. Desse modo, criaram um novo referencial para as ações educacionais

ligadas ao *Hip-hop*. O percurso formativo contínuo desse projeto possui as seguintes características:

- Observação da realidade e questionamento sobre as condições sociais presentes.
- Estudo dos fatores sócio-históricos que explicam o presente, a fim de eximir os sujeitos da responsabilidade pelas condições sociais em que estão inseridos e compreender o problema a partir de uma perspectiva estrutural.
- Mobilização do conhecimento sobre o passado e da dimensão crítica do presente para construir novas perspectivas de futuro.
- Os saberes elaborados a partir dessa tomada de consciência são narrados como experiências coletivas e transformados em expressões artísticas, seja no *rap*, no *breaking* ou no *grafitti*.
- A identificação de outros sujeitos negros e periféricos com as narrativas produzidas pelos *Hip-hoppers* atrai novos adeptos para o movimento.
- Para reunir pessoas em torno de pautas e ações comuns, fortalecem



a atuação coletiva por meio das Posses, onde trocam conhecimentos, constroem consensos e dissensos, e elaboram ações de intervenção política e social em suas comunidades.

- Buscam aprimorar seus conhecimentos, competências e habilidades artístico-culturais para praticar os elementos da cultura *Hip-hop*.
- Organizam atividades culturais para difundir suas produções e outros elementos da cultura afro-diaspórica que estão em diálogo.

Esse ciclo se replicou em diversos territórios brasileiros, especialmente nas Casas de *Hip-hop* e nos encontros das Posses, onde os elementos MC, DJ, *breaking* e *grafitti* foram transformados em atividades educativas que proporcionam acesso ao conhecimento em diversas áreas. Dessa forma, os ativistas do *Hip-hop* assumiram o papel de educadores dentro do movimento.

É importante destacar que o *Hip-hop* rapidamente adentrou as escolas, circulando por meio da indumentária dos estudantes, das ideias, das revistas, dos discos, dos passinhos, da discotecagem nas festas de fim

de ano e, principalmente, por meio das Posses⁴. A atuação das Posses nas escolas trazia consigo os princípios políticos e emancipatórios da população negra, enfrentando as desigualdades sociais e econômicas, o descaso do Estado e lutando por uma educação que dialogasse com a realidade dos estudantes.

O trânsito do *Hip-hop* pelas escolas, com seus ideais políticos e emancipatórios, e a compreensão de que seus elementos oferecem caminhos relevantes para a formação de um senso crítico, favoreceram o surgimento de pedagogias alternativas às hegemônicas. As pedagogias do *Hip-hop* emergem desse universo com uma metodologia própria, adaptada à reinvenção local de cada território e alimentada pelos saberes dos quatro elementos do movimento. Além disso, o conhecimento, considerado o quinto elemento do *Hip-hop*, reafirma que cada indivíduo deve se reconhecer como sujeito, utilizando as ferramentas do *Hip-hop* para refletir sobre sua própria emancipação e a emancipação coletiva, especialmente através da recuperação da racionalidade que o colonialismo historicamente nega aos corpos negros.

⁴ Posses eram grupos negros de militância territorial, formados majoritariamente por jovens que viviam a cultura *Hip-hop* e atuavam em seus territórios gerenciando as desigualdades e promovendo atividades de caráter social e coletivo, como por exemplo organizando campeonatos ou eventos em escolas visando a arrecadação de alimentos e agasalhos para serem doados.

A professora doutora Ana Lúcia Silva Souza (2009), em sua tese de doutorado, investigou a noção de letramento dentro do universo *Hip-hop*, compreendendo este como um espaço de letramento e os *Hip-hoppers* como agentes de letramento em seus territórios. A autora afirma:

O primeiro capítulo destacou aspectos fundantes de recentes abordagens sobre estudos de letramentos (STREET, 1984; GEE, 1990; KLEIMAN 1995, 2006a; BARTON e HAMILTON, 2000; ROJO, 2009), cujos postulados atribuem importância à perspectiva sociocultural como chave analítica das práticas culturais mediadas pela escrita. Tais postulados são de interesse porque, nesta pesquisa, o universo Hip-hop é caracterizado como uma agência de letramento da qual os sujeitos participam e na qual desenvolvem práticas culturais específicas de leitura e de escrita, de acordo com as orientações, objetivos e necessidades de suas ações comunitárias (p.25).

Pensando no significado social e cultural da escrita e da leitura, além das habilidades básicas de



alfabetização, Souza (2009) investiga o *Hip-hop* como um meio de letramento.

Nesse contexto, os praticantes do *Hip-hop* são letrados por meio desse universo cultural e, ao mesmo tempo, atuam como agentes de letramento. Esses praticantes, conhecidos como *Hip-hoppers*, difundem a cultura *Hip-hop* em suas comunidades e além, à medida que se movimentam e interagem com diferentes grupos.

Ser um agente de letramento significa atuar de maneira ativa na promoção e disseminação das práticas de leitura e escrita dentro de um determinado contexto cultural ou social. Esses agentes não apenas aprendem e utilizam essas habilidades, mas também influenciam e incentivam outras pessoas a adotá-las. No caso dos *Hip-hoppers*, ser um agente de letramento implica usar a cultura *Hip-hop* como uma ferramenta para ensinar e espalhar formas de expressão, comunicação e conhecimento, promovendo a valorização e a ampliação dessas práticas em diversas comunidades.

Nesse sentido, a convergência entre os saberes da educação formal e os saberes das ruas enriquece a capacidade de "ler o mundo", promovendo uma crítica

social profunda e afirmando à população negra e periférica a relevância de sua forma de produzir conhecimento. **O Hip-hop, em oposição à negação histórica do colonialismo, oferece uma racionalidade que emerge dos corpos, territórios e trajetórias, desafiando a separação cartesiana entre corpo e mente e entre produção de conhecimento e corpo.**

Emdin (2018) define como #HiphopEd(ucators) aqueles que criam espaços onde os jovens podem:

1. Erguer suas vozes e compartilhar o que os afeta;
2. Empoderar-se;
3. Valorizar suas potências e excelência;
4. Construir uma contra-narrativa sobre a definição hegemônica de juventude e de culturas juvenis negras e periféricas.

Ao proporem novas formas de pensar a educação, esses educadores desafiaram e desafiam as estruturas estabelecidas que, historicamente, geram a exclusão de determinados grupos e perpetuam as desigualdades educacionais.

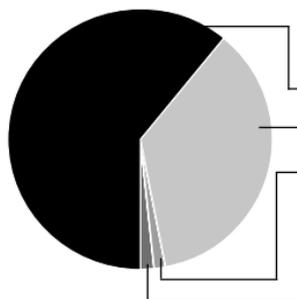




SOBRE DADOS E RESULTADOS: A escuta de estudantes e profissionais da educação

ESTUDANTES

Participaram das entrevistas 70 estudantes, com a seguinte distribuição demográfica:



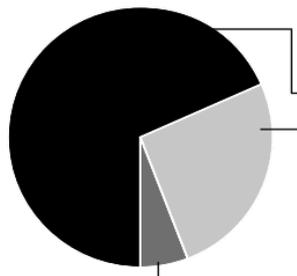
GÊNERO:

Mulheres cisgênero: **60,9%**

Homens cisgênero: **36,2%**

Homem transgênero: **1,4%**

Gênero fluído: **1,4%**

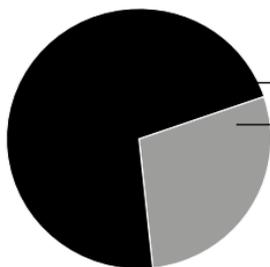


IDENTIFICAÇÃO RACIAL:

Negros (pretos e pardos): **68,6%**

Branco: **25,7%**

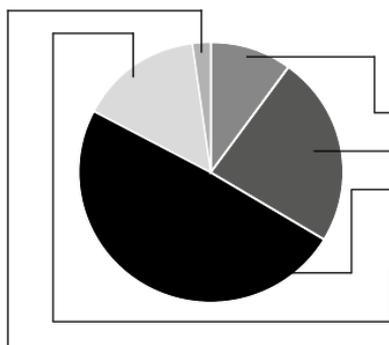
Indígenas: **5,7%**



FAIXA ETÁRIA:

12 a 14 anos: **71,4%**

15 a 17 anos: **28,6%**



RENDA FAMILIAR:

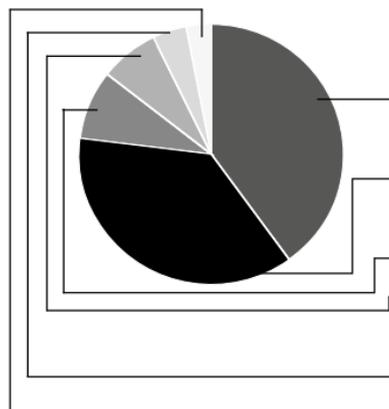
Sem renda: **9,8%**

Até um salário mínimo: **23%**

De um a dois salários
mínimos: **47,5%**

De dois a três salários
mínimos: **14,8%**

Acima de três salários
mínimos: **1,9%**



ANO ESCOLAR

8º ano do ensino
fundamental: **40%**

9º ano do ensino
fundamental: **37,1%**

2º ano do ensino médio: **8,6%**

6º ano do ensino
fundamental: **7,1%**

1º ano do ensino médio: **4,3%**

7º ano do ensino
fundamental: **2,9%**

As respostas **sobre o significado da escola e dos estudos** apontam várias perspectivas. **Para muitos, a escola é vista como um meio de transformação, promovendo mudança, melhoria de vida e mobilidade social. Também é valorizada pela construção de autonomia e acesso ao conhecimento, oferecendo descobertas e aprendizagens.** A escola é vista como **ponto de partida** para a carreira, ingresso no ensino superior, preparação para o trabalho e realização pessoal. A rotina escolar envolve encontros e conversas com amigos em diferentes espaços, estudos, lições, intervalos, alimentação, projetos, monitorias, esportes como futebol e basquete, aulas de música, participação em grêmios e conselhos, além de brigas e brincadeiras.

1. Aprendizados na Escola

Os aprendizados dos estudantes na escola abrangem uma variedade de aspectos, que vão além dos conteúdos curriculares:

- **Componentes curriculares:** Matemática, Português, Ciências, etc.
- **Lições de vida:** Trajetória pessoal, amadurecimento, respeito às diferenças.

- **Desenvolvimento social:**
Trabalho em grupo
Diálogo e comunicação
Convivência com as diferenças
Expressão de sentimentos
- **Temas importantes:**
Gênero e sexualidade
Relações raciais
Desigualdades e diversidade
Xenofobia e homofobia
Política, Estado e culturas
- **Preparação para exames:** Vestibulinho e vestibulares
- **Desconstrução de padrões:**
Questionamento de normas sociais
- **Socialização:** Como conviver e interagir com outras pessoas
- **Humanidade:** Desenvolver empatia e respeito ao próximo
- **Conhecimento pessoal:** Entendimento da própria história

Observação importante: "Aprender a conviver com as pessoas" é uma resposta recorrente entre os estudantes.



2. Elementos Preferidos na Escola

Os estudantes mencionaram vários aspectos da escola que apreciam, organizados em categorias:

- **Relacionamento social:**
Amizades
Conversas
Socialização
- **Aprendizado:**
Componentes curriculares
Método de ensino
Professores
Estudar e compartilhar ideias
- **Diversidade e inclusão:**
Diversidade racial e de gênero
Liberdade de circulação
- **Atividades extracurriculares:**
Projetos coletivos e
interdisciplinares
Podcast e atividades de mídia
Jogos interclasses
Assistir vídeos e filmes
Tecnologia e sala de informática
- **Outros aspectos:**
Intervalo e lanche
Alimentação fornecida pela escola
Atividades em espaços externos
Diálogos sobre questões do
mundo atual.



3. Elementos Menos Preferidos na Escola

Os estudantes apontaram aspectos da escola que não gostam ou que consideram problemáticos:

- **Infraestrutura e recursos:**
Uso obrigatório de uniforme
Salas de aula lotadas
Falta de estrutura (quadras e laboratórios)
Baixa qualidade da educação
- **Ambiente escolar:**
Barulho
Sujeira
Desorganização
Brigas e bullying
Racismo e provocações
Liberdade excessiva
- **Métodos de ensino:**
Indiferença com os estudos
Método de avaliação e atribuição de notas
Poucos projetos extracurriculares
- **Comportamento e relações:**
Grosseria dos professores
Falta de respeito entre alunos
Injustiças e tratamento diferenciado
- **Rotina:**
Acordar cedo (entrada às 7h)
Tempo curto de intervalo
Hierarquização entre turmas (boas e ruins).

4. O Que os Estudantes Trazem para a Escola

Os estudantes trazem uma rica diversidade de experiências e interesses pessoais, incluindo:

- **Cultura e artes:**
Músicas, danças e batalhas de rima
Artes visuais (*graffiti*, fotografias)
Vídeos e mídias produzidos ou assistidos
Livros, animes, séries e filmes
- **Esportes e brincadeiras:**
Vôlei, basquete, futebol, capoeira
Brincadeiras e gincanas
Jogos e videogames
- **Religião e espiritualidade:**
Pregações religiosas
Guias religiosas
- **Sentimentos e vivências:**
Alegria, empatia, tristeza
Relatos de viagens e experiências do cotidiano
- **Projetos e protagonismo:**
Estratégias de geração de renda
Projetos de vida e expectativas futuras
Estratégias de comunicação
Formas próprias de organizar os estudos

5. O Que os Estudantes Gostariam de Levar ou Expressar na Escola (mas sentem limitações)

Há vários aspectos que os estudantes gostariam de levar ou expressar na escola, mas sentem que isso é limitado ou proibido:

- **Cultura e expressão artística:**
Músicas, dança, instrumentos, canto
Cultura *Hip-hop* e *graffiti*
Jogos e atividades recreativas
- **Religião:**
Guias religiosas (limitadas pela intolerância religiosa)
Pregação religiosa (cristã)
- **Temas e debates:**
Discussões sobre racismo, sexualidade e LGBTQIAPN+
- **Estilo pessoal:**
Roupas e moda específica
Maquiagem
Alimentos especiais
- **Tecnologia e comunicação:**
Uso do celular
- **Assuntos pessoais:**
Problemas e sentimentos pessoais



A maioria dos estudantes relata que **as escolas aceitam bem as influências externas que trazem**, exceto em relação a **certas vestimentas, músicas, caixas de som e jogos**. A interação dentro da escola geralmente é positiva, especialmente entre amigos e pequenos grupos, ocorrendo por meio de **conversas, trabalhos em grupo, trocas sobre lições, fofocas, acolhimento de colegas em momentos difíceis, ajuda mútua, jogos e brincadeiras**. Com os profissionais da educação, essa interação se baseia em **conversas e no respeito aos níveis hierárquicos**, dependendo do grau de contato permitido.

Os espaços que mais promovem interação na escola são o **pátio, refeitório, quadras esportivas, parquinho, grêmio, jardim, sala de aula, sala de leitura, entrada da escola, corredores, banheiros e bebedouros**. Nesses locais, os estudantes **conversam, fofocam, jogam, brincam, dançam, gravam e assistem a vídeos, ouvem música, comem, usam o celular, participam de batalhas de rima, ensaiam apresentações artísticas, caminham, tomam sol, realizam trabalhos e lições em conjunto, socializam experiências e leem**. As **culturas juvenis** são marcadas por **preferências musicais, formas de se vestir, comunicar, interagir e participar**.



Os estudantes identificam como culturas juvenis os grupos que se reúnem para diversas atividades, categorizadas da seguinte forma:

1. **Interesses musicais:** *funk, rap, trap, samba, rock, k-pop* e sertanejo.
2. **Orientação religiosa:** evangélicos e praticantes de religiões de matrizes africanas.
3. **Prática de esportes:** futebol, vôlei, basquete, capoeira e *breaking*.
4. **Jogos:** pebolim, cartas e games.
5. **Campeonatos:** esportivos e artísticos.
6. **Produção artística:** teatro, danças, *Slams*, grafitti e vídeos.
7. **Música:** tocar instrumentos como violão, piano e flauta.
8. **Literatura:** clubes de leitura e saraus.
9. **Participação e comunicação:** grêmios, imprensa jovem, podcasts, rádios escolares e grupos de acolhimento.
10. **Identidades e práticas comuns:** *nerds*, meninas, negros, LGBTQIAPN+, turma do fundão, evangélicos, praticantes de religiões de matrizes africanas, imigrantes e bagunceiros.



A SEGUIR, APRESENTAMOS ALGUNS DEPOIMENTOS SOBRE AS CULTURAS JUVENIS NAS ESCOLAS.

Existem culturas juvenis. É um pessoal que gosta de roupa preta, rock, essas coisas. Eles ficam mais no mundo deles, e a gente é mais chegado em samba, funk, e ficamos no nosso mundinho também.

Tem o pessoal do futebol, o pessoal mais nerd que fica no pátio fora da quadra conversando. No recreio, cada pessoal se junta: o pessoal do pebolim, o grupo de meninas que fica fofocando.

Todo mundo respeita o que o outro gosta. Tem o pessoal do funk, do rock e sertanejo.

Tem pessoas que gostam dos mesmos assuntos. Tem gente que tá junta desde o 1º ano. Tem quem gosta de jogos e tem pessoas que são taxadas como chatas, e por causa dessa exclusão, elas se juntam.

Tem uma cultura de anime, que são os otakus. Tem o povo que gosta de k-pop, tem a galera que gosta de basquete como eu, e acho que são essas.

O clube da leitura, o cantinho da leitura no pátio, tem o grêmio, tem um jogo que o professor M. faz na quadra e tem campeonato.

Sim, isso tem bastante. A gente acabou se aproximando por estilo de música e roupa. Tenho bastante amigas negras e acabei aprendendo bastante sobre a religião delas, umbanda.

Tem uma turma que só gosta de dançar, outra de rap, outra de funk. Sempre tem aquelas turminhas. Tem. Tem grupo dos meninos, das meninas, tem um grupo LGBT que são meus amigos. A gente anda junto, são grupos que a gente se identifica mais.

Sim, existem. Os que gostam de jogo, vídeo, essas coisas, de música deve ter.

Sim, existem. O pessoal com quem eu ando, a gente tem um estilo de negros. Tem os mandrake, que usam Mizuno, Planet e gostam de funk.

No geral, a gente consegue se misturar bem. Com gostos diferentes, conseguem ter uma conversa boa e uma amizade fácil.

Sim, tem a turma do funk que se reúne, o grupo que fica jogando carta, tem os que gostam de ver séries e ler livros.

Tem grupos de esporte e pessoas que curtem gêneros musicais como o rock, por exemplo.

Tem o pessoal dos games, animes de cultura



japonesa, mangás; alguns gostam de futebol, basquete, vôlei.

Costumam gravar vídeos de dança para o Tik Tok.

Sim, tem o Afrolândia, o projeto de gentileza do qual eu participo, e as eletivas.

Tem um grupo na minha sala com o qual a gente faz coisas de artes, desenha, conversa.

Existe o grêmio, mas não são tão organizados, e tem também o podcast.

Existe bastante. Tem o funk, estilo mais internacional, basquete.

Tem gente do funk, rap, Hip-hop, pop. Tem o pessoal que é evangélico.

Tem o pessoal que canta, meninas que se juntam para fofocar, alguns que gostam de ler.

Tem o pessoal do funk, dos esportes, do vôlei, da queimada.

Sim, o do rap, Hip-hop e do trap.

Grêmio e o grupo que joga pebolim.

A turma do teatro.



O intervalo entre as aulas é visto como um momento propício para diversas atividades, como **alimentação, ida ao banheiro, conversar, tomar sol, caminhar pela escola, brincar, jogar, batalhas de rima, uso do celular e ouvir música**. No entanto, esse período é marcado por **muito barulho**, o que torna as interações tumultuadas. Além disso, é considerado **insuficiente para fortalecer as relações entre os estudantes**. Outro ponto destacado é a **inadequação da alimentação oferecida**, agravada pelas **longas filas**, que impedem que todos se alimentem a tempo. Algumas turmas relataram que preferem **permanecer na sala** durante o intervalo, utilizando o celular, em vez de sair.

Metade dos estudantes participantes da pesquisa, ou seja, 52%, afirma **não fazer parte de nenhum grupo ou cultura juvenil**. Antes da pandemia, esses estudantes participavam de atividades como **futsal, xadrez e teatro**, que foram encerradas. Esse dado sugere uma **redução na interação e na participação em atividades coletivas após o isolamento social**. Entre os que se identificam como membros de algum grupo juvenil, foram mencionados os seguintes: **TikTok, jiu-jitsu, séries audiovisuais, vôlei, jogos online, LGBTQIAPN+, grupos**

de meninas, fundão, clube de leitura,
esportes, basquete, capoeira, pebolim,
bagunceiros, grupo de acolhimento,
Afrolândia (culturas afrodescendentes),
futebol, grêmio estudantil, *slam*, dança,
música (inclusive internacional),
imprensa jovem, podcast, teatro, artes,
jogos, livros e curso de TI.





QUANDO QUESTIONADOS SOBRE OS MOVIMENTOS CULTURAIS JUVENIS PRESENTES ATUALMENTE NA ESCOLA, OS ESTUDANTES MENCIONARAM:

Tem o grêmio, ele faz de tudo para melhorar a escola. A gente via os defeitos que tem aqui: o muro lá fora foi a gente que pediu para arrumar; o balanço; quando tem algum evento, a gente organiza a escola, faz uma festinha, ajuda a melhorar a escola. E tem o futebol também, o pessoal se organiza e vai lá na quadra jogar.

O acolhimento, os clubes, a tutoria. O acolhimento é poder acolher os gestores da escola; os clubes são para você se adaptar a qual vai ser seu projeto de vida; e a tutoria é um contato mais próximo dos professores, te ajudando.

As pessoas do funk se vestem mais com roupas de marca. Quem gosta mais de música internacional usa All Star, blusa de banda, mas isso varia muito, não tem tanta classificação.

Grupo de futebol, grupos de música, séries e o pessoal que joga. Todos esses grupos interagem muito bem e trocam entre si. Tem alguns alunos que só ficam na internet.



Não identifico nenhum movimento, mas lembro de quando organizaram um grupo de teatro para falar sobre bullying e outros temas importantes, porém foi só uma vez. Gravo vídeos para o TikTok, mas na escola não há um grupo específico para isso. Há um grupo de dança e canto organizado pela professora de artes na escola.

Tem grupos de esporte e pessoas que curtem gêneros musicais como o rock, por exemplo, e várias outras expressões.

Grupo de RPG, rock, pebolim e jogos. Acredito que há grupos de muitas culturas diferentes na escola.

Os grupos não existem enquanto projetos e oficinas, mas tem o slam, o grupo de dança e o de música.

Tem umas garotas que são da música, tocam e cantam; tem o pessoal do futebol que conversa sobre futebol.

Não identifico culturas juvenis, mas sim grupos que são mais descolados e outros mais excluídos.

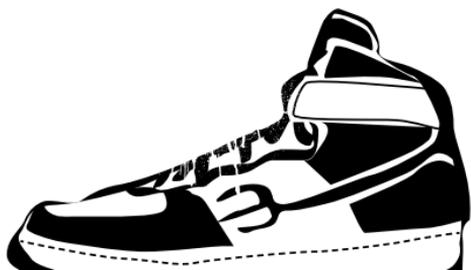
Esportes, dança, internet e redes sociais, grupos de leitura e grêmio estudantil.

Tem a imprensa, grêmio, campeonatos de tênis de mesa e dança.

Sim, o grêmio/coletivo. Estamos fazendo uma proposta para falar sobre capacitismo porque tem muita brincadeira e preconceito.

Já existiram grupos de dança e teatro, mas não existem mais.

As eletivas são para levar para o mercado de trabalho.



A maioria dos estudantes (66%) considera a escola **um espaço acolhedor**, onde encontram oportunidades para **se divertir, estudar, aprender sobre a vida, fazer amizades, conversar com docentes e expor seus problemas a colegas e profissionais da educação**. Para esses alunos, a escola também oferece **um ambiente seguro para se alimentar, formar uma segunda família, se comunicar e se expressar**. Além disso, relatam **receber apoio diante de desafios e dificuldades**, participando de projetos e discutindo temas complexos, como **bullying, racismo, homofobia, depressão e machismo**. Durante a pandemia, destacam-se a distribuição de **máscaras, álcool e alimentos** como gestos que **reforçaram a sensação de acolhimento** e o suporte profissional.

Em contraste, **11,4% dos estudantes** não percebem a escola como acolhedora. Esses alunos apontam a **falta de espaços de escuta e voz, o desinteresse pelas sugestões e ideias dos estudantes**, além da pouca utilização de **ambientes e metodologias interativas**, como **laboratórios, bibliotecas e auditórios**. Também destacam a ocorrência de **casos**

de assédio, racismo, bullying e outras formas de discriminação que, segundo eles, não são devidamente encaminhados ou resolvidos, o que agrava o sentimento de exclusão.

Já os 25% que responderam "depende" expressam **uma percepção mista**, refletindo uma experiência que varia entre momentos de **acolhimento** e situações em que a escola **não cumpre esse papel**. Essa divisão de opinião sugere que, para esses alunos, o **ambiente escolar nem sempre é consistente** em suas práticas de acolhimento e suporte.





A ESCOLHA É UM ESPAÇO ACOLHEDOR PARA ESTUDANTES?

Sim:

- *Você se sente bem recebido na escola porque os professores estão ali. A escola apoia a gente; os professores sempre estão ali para te dar conselhos. Aqui não é aquele lugar chato; é um lugar confortável. A gente se sente muito bem recebido. Eu gosto de estar aqui. Os professores sempre estão abertos para conversar. Aqui a gente tem uma aula só para isso: a tutoria. A gente se abre, e a professora sente prazer em te ajudar.*
- *Sim, eles deram máscara e álcool quando estávamos na pandemia.*
- *Sim, alguns professores conversam com os alunos e os acolhem.*
- *Sim, quando estou entre meus colegas para conversar no dia a dia.*
- *Sim, quando a gente está com um problema, eles conversam com a gente.*
- *Acho que sim. Muitos só comem aqui na escola porque a família não tem condição.*
- *Sim, os colegas ajudam e acolhem quando outros alunos chegam com problemas de casa.*

- *Sim, porque aqui você tem como se fosse uma segunda família. Você pode ser quem quiser e se comunicar.*
- *Sim, muitos professores buscam ajudar alunos que estão com dificuldade na matéria e em casa.*
- *Sim, principalmente às quartas-feiras, que tem tutorias. É muito legal que a gente fala sobre Setembro Amarelo, bullying virtual e na escola, e muitas outras coisas que ajudam a gente a ser uma pessoa melhor.*
- *Sim, bastante. Na minha casa, eu me sinto meio desconfortável. Aqui, posso dizer o que gosto e não gosto. É um lugar onde posso me abrir e ser eu mesma.*
- *Sim, a escola está sendo mais acolhedora porque, sempre que podemos, estamos falando com os professores sobre assuntos pessoais e sempre recebemos ajuda.*
- *Na minha opinião, sim, porque é um espaço bom. Se acontece alguma coisa ou precisamos de ajuda, o que acontece em casa, a gente traz para a escola.*
- *Sim, porque hoje a professora Ana Paula falou que tem alguns imigrantes na escola no período da tarde. Eu já acho isso super acolhedor.*





Não:

- Não. Não tem acolhimento, e a escola não valoriza a opinião dos alunos, passando por cima do que os estudantes têm a dizer. São poucos os profissionais que acolhem.
- Não, pois a escola não dá espaço de voz aos alunos, e a direção passa por cima das sugestões dos estudantes.
- Não acolhe, pois os diretores e coordenadores não escutam os alunos. Dizem que, dentro da turma, os alunos conversam entre si, mas há grupos divididos.
- Não é acolhedora. A escola está presa no passado e poderia melhorar muitas coisas, como o laboratório, que os alunos nem chegam a usar, e a biblioteca, que também não usam muito. Os professores poderiam desenvolver aulas diferentes.
- Não muito, pois, quando acontecem desentendimentos e casos de assédio, a gestão não resolve como deveria, e os casos voltam a acontecer.
- Fazer parte da comunidade não é fácil porque há muitos julgamentos de todos os lados. Julgamentos de tudo, com olhares, falas... Não importa o que



você tem. Dependendo da pessoa com quem você faz amizade, te julgam por conta disso. A gente está numa fase em que muitos adolescentes têm problemas psicológicos por não serem aceitos na sociedade. Às vezes, é muito difícil viver na escola.

Depende:

- *Existe uma interação boa com os professores e demais profissionais, porém a escola não escuta os alunos como poderia e não considera alguns assuntos que os alunos gostariam de tratar.*
- *Não muito, pois, quando acontecem desentendimentos e casos de assédio, a gestão não resolve como deveria, e os casos voltam a acontecer.*
- *Sim e não. Fica no meio-termo. Às vezes tratam bem, às vezes mal.*
- *Sim, mais ou menos. É mais acolhedor por conta dos alunos do que por conta da escola em si.*
- *Por um lado, sim, mas depende dos alunos. Há alunos que não acolhem outros alunos que vêm de fora, que têm cor ou sexualidade diferentes.*
- *Depende do ponto de vista. Me sinto acolhida pela escola, mas não acredito que todos se sintam acolhidos também.*

Ao serem questionados sobre o que a escola poderia ter para ser ainda mais acolhedora para estudantes e seus movimentos/expressões culturais, o grupo de respondentes apontou diversas melhorias desejadas:

- A escola deveria ser menos rígida, permitindo mais liberdade de expressão.
- Estudantes deveriam poder se vestir conforme suas identidades.
- O uso de celulares deveria ser permitido.
- Deveria haver mais espaços de confiança, escuta e empatia para os estudantes.
- A gestão deveria acompanhar o cotidiano da sala de aula.
- Palestras com temas de interesse dos estudantes deveriam ser realizadas.
- Deveria ser oferecido atendimento psicológico para os estudantes.
- A escola deveria possibilitar a integração de crianças e adolescentes que não conseguem estudar porque precisam trabalhar.
- A limpeza da escola deveria ser melhorada.
- Espelhos deveriam ser colocados nos banheiros.



- Deveria haver rádio e outros espaços de produção de comunicação entre os estudantes.
- Os professores deveriam valorizar mais as experiências e explicações dos estudantes, deixando de passar tanto conteúdo nas lousas.
- Os recursos didáticos e paradidáticos deveriam ser melhorados.
- Deveria ser oferecido acesso a instrumentos e ferramentas tecnológicas.
- A escola deveria dispor de armários para que os estudantes possam guardar mochilas e materiais.
- Atividades externas e excursões para conhecer outros espaços deveriam ser oferecidas.
- A escola deveria promover gincanas e campeonatos.
- As formas de racismo, discriminação, preconceito e bullying deveriam ser combatidas.
- A escola deveria incentivar as artes, os esportes e a participação em atividades e espaços adequados para esportes, teatro, dança, literatura, conselho estudantil e grêmio.





Produzimos o podcast da escola, mas os episódios passam pela revisão da gestão, e gostaríamos de ter mais liberdade para falar sobre o que queremos, como questões de gênero e sexualidade.

Eu gostaria de ter armários para guardar meu material, porque a mochila fica muito pesada; também gostaria de uma lojinha/cantina com coisas para comprar, laboratório de ciências, grades melhores (que fossem mais fechadas, pois estão meio soltas), câmera para segurança, música no intervalo, porta e sabão no banheiro, e papel higiênico, pois está bem bagunçado.

Ser um pouco menos rígido, principalmente em relação à vestimenta, que nem sempre deixa os estudantes confortáveis.

A escola poderia ouvir mais os estudantes. "Eles" têm medo dos alunos.

Uma coisa que acho que qualquer pessoa aqui vai falar: precisa de um psicólogo. Uma vez fizemos uma eletiva, tinham duas psicólogas, e foi muito necessária a presença delas lá para resolver alguns problemas.

Psicólogos seriam legais, porque tem gente que tem muitos problemas, e os psicólogos iam acolher e ajudar.

O acompanhamento dos alunos por parte de psicólogos, e eventos como interclasse, passeios e festas comemorativas e culturais, são necessários.

Criar projetos para incluir as crianças que não podem estudar porque precisam trabalhar.

Mais aulas de sexualidade, aulas de colorismo, banheiro feminino com portas e potinhos de absorvente, pois temos que ir até a diretoria pedir.

Melhorar os equipamentos para nós, como a cesta de basquete, a quadra (limpando-a melhor, pois está cheia de vidro e plástico), e o material dos professores, como livros e lousas.

O desenvolvimento de atividades como filmes, incentivo ao esporte, criação de espaços de interação, gincanas e oficinas. A direção não permite certas roupas que as meninas usam, e existe desigualdade de tratamento em relação a isso.

Se os casos de racismo e bullying fossem levados a sério, se não houvesse essas questões aqui, teria que haver ação e providências. Uma suspensão não resolve; é preciso conversar com os pais ou mudar a pessoa de escola. Uma iniciativa para tornar a escola melhor e mais acolhedora. Talvez não adiante expulsá-la da escola, porque ela pode fazer isso em outro lugar.





Então, é preciso sentar e conversar para que a pessoa entenda que está ferindo os sentimentos dos outros, e entender por que as pessoas que estão cometendo essas violências fazem isso.

Um psicólogo ajudaria.

Para a escola ser acolhedora, é necessário conversar mais com a gente e não julgar tanto. Eles são muito rigorosos. Precisa sentar e conversar mais. A escola deveria ter uma psicóloga para conversar com a gente; não passar tanto texto; batalhas de dança no recreio; a volta do grêmio. Tinham vários projetos bons, como curso de violão, de espanhol, dança e basquete. A diretora anterior incentivava a fazer as coisas.

Reformar a quadra e instalar um bebedouro; profissionais mais ágeis durante o intervalo para dar tempo de todos comerem; dinâmicas e conversas sobre respeito e empatia para melhorar a interação entre todos; e que os professores explorem dinâmicas diferentes nas aulas.

Existem professores que apenas passam o conteúdo e não explicam para os alunos, mas há professores que desenvolvem outros métodos de ensino, usando música, por exemplo.

De forma geral, as pessoas participantes da pesquisa na categoria "estudantes" consideram que fazer parte de uma comunidade escolar é estar acolhido(a), ter a oportunidade de aprender e conviver com a diversidade e, paradoxalmente, se expor a situações de julgamento.



“É bem acolhedor. Tem um professor de geografia que entende os nossos sentimentos; ele sempre pergunta como estamos nos sentindo. Eu me sinto bem acolhido, eles são bem atenciosos. Tem muita gente que imita as pessoas. Na hora da saída, vão comprar bala, eles vão na rua sozinhos. Eu me sinto muito bem na aula de português, a professora me entende. Eu me sinto muito bem, as pessoas são muito boas comigo, eu gosto bastante. Não é permitido sair da escola, mas tem gente que sai. É acolhedor, tem uma certa liberdade, mas toma cuidado com algumas coisas.

“É algo diferente e novo. A gente aprende com as pessoas



que estão à nossa volta. É algo bom, é algo que nos faz bem. Ser estudante é estar engajado na escola, fazer as atividades, respeitar os funcionários e professores. Ser estudante é um caminho para ser uma pessoa melhor no futuro. Estar na escola é lidar com pessoas diferentes, e isso já prepara para o mundo lá fora. É um lugar para aprender. Muita gente aqui é preconceituosa e gosta de brigar.

“ Fazer parte da comunidade não é fácil porque tem muitos julgamentos de todos os lados: julgamentos de tudo, com olhares, falas... Não importa o que você tem. Dependendo da pessoa com quem você faz amizade, te julgam por isso. A gente está numa fase em que muitos adolescentes têm problemas psicológicos por não serem aceitos na sociedade. Às vezes, é muito difícil viver na escola.

“ É bom, mas é uma vida bem difícil, é como ser trabalhador. Tem gente que mora

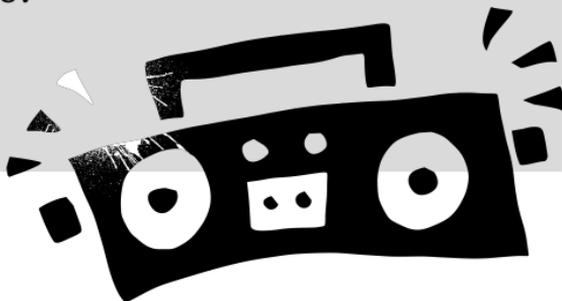
longe, é uma batalha. Eu gosto bastante de estudar, mas tem algumas matérias de que eu não gosto muito. Para mim, não é tanta batalha; a maior é na hora de acordar.

“Somos liberados mais cedo no período da noite para não sermos assaltados.”

Entre os estudantes, alguns relatam uma forte identificação com a escola, enquanto outros não compartilham desse sentimento. Aqueles que se identificam apontam como principais fatores o espaço para trocas, o apoio e suporte oferecido, às amizades construídas, os ambientes de interação, a presença dos profissionais da educação e o clima acolhedor. Por outro lado, os que não se identificam descrevem a escola como um ambiente opressor, marcado por autoritarismo, falta de escuta para suas ideias e experiências negativas, como racismo, preconceito, discriminação e *bullying*, problemas que se agravam devido à ausência de encaminhamentos e resoluções adequadas.

“Aqui na escola, eu me identifico com os meus amigos. Eu me identifico porque tem bastante gente que me apoia e sempre está comigo. Aqui, eu me identifico ainda mais porque foi a escola da minha mãe, primos e irmãos.

“Não, por certos atos que acontecem aqui, de bullying e de racismo. Tem bastante casos de racismo, eles levam na brincadeira, mas machuca. A escola não leva a sério as denúncias de racismo. As pessoas sofrem muito bullying por conta de características físicas, e isso magoa muito. O povo é sempre assim, eles querem uma pessoa perfeita, como se fosse uma boneca. Nunca vai ter um perfeito. Os meninos sofrem mais por conta da cor (racismo), e as meninas mais por conta da estética. Os meninos brancos não sofrem aqui, passam impunes.”



O repertório trazido pelos estudantes de fora para dentro da escola inclui suas formas de sociabilidade, culturas periféricas, saberes do território, práticas artísticas (música, dança, *grafitti*, *Slams*), jogos e brincadeiras, além de linguagens e dialetos locais (gírias e formas de falar), histórias particulares, gostos e questões pessoais. Alguns estudantes mencionam que a escola não aceita as expressões culturais que trazem e que há dificuldades para tratar de temas básicos, como sexualidade, apesar da diversidade presente no ambiente escolar.

O que levam da escola para suas casas ou comunidades são conhecimentos, experiências de troca, partilha e convivência, aprendizados resultantes dos encontros com amigos e profissionais da educação, conflitos interpessoais e grupais, repertório cultural, fofocas, notícias, livros, tarefas e produções coletivas realizadas com colegas, dentro ou fora das atividades pedagógicas.

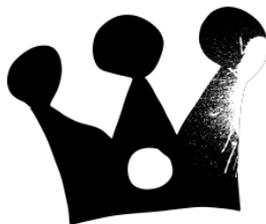
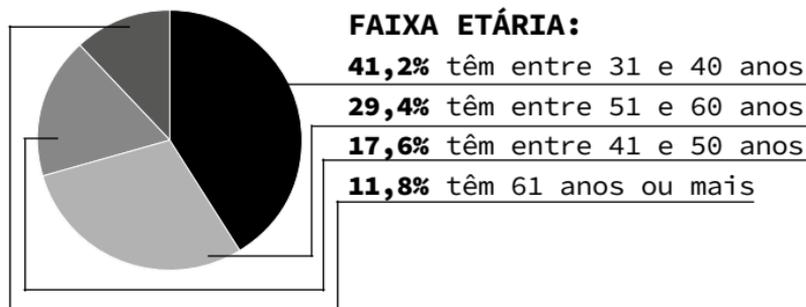
A escola é mencionada como o principal espaço de convivência fora de casa, mas os entrevistados também destacam

outros lugares, como centros culturais, CEUs (Centro Educacional Unificado), Centros da Criança e do Adolescente, praças, ruas, igrejas, shoppings, quadras esportivas, pistas de skate, restaurantes, lanchonetes, casas de amigos, museus, exposições, bailes *funk* em diferentes comunidades, *shows*, teatros, ONGs e locais de trabalho.

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Foram entrevistados dezoito (18) profissionais da educação, sendo **58,8% mulheres e 41,2% homens**. A distribuição racial entre os entrevistados é a seguinte: **82,4% se identificaram como negros e 17,6% como brancos**.

Em relação à faixa etária:



Os profissionais atuam em diversas funções, como:

- Direção
- Assistente de direção
- Coordenação pedagógica
- Assistente de coordenação pedagógica
- Inspeção escolar
- Docência (maioria)

Entre os docentes, há profissionais que lecionam nas áreas de:

- Ciências
- Filosofia
- Geografia
- História
- Língua Portuguesa
- Língua Inglesa
- Educação Física

O **grupo de profissionais da educação** considera que a **participação dos estudantes na escola** é relativa, pois **alguns participam ativamente das aulas**, enquanto outros não. Observa-se **engajamento nos campeonatos esportivos**, mas pouco se fala sobre a **participação dos alunos nos espaços de tomada de decisão** e na **construção da escola**. Os profissionais também apontam que essa variação depende do **método adotado**

pelo educador: se ele permite que os alunos **criem e participem**, ou se utiliza um **método tradicional**, no qual a participação é limitada.



A gente tem variações: alguns estudantes bastante engajados em questões da vida acadêmica e atividades extracurriculares, mas outros não conseguem se engajar como deveriam. Não se interessam muito por propostas extracurriculares. Então, não dá para fazermos generalizações, pois existe uma mescla com uma gradação enorme entre esses extremos que mencionei.

Ultimamente, tenho percebido uma participação sem grandes motivações. Muitos dos alunos vêm para a escola por obrigação, sem um objetivo claro; parece que é apenas uma forma de socialização. Alguns têm vontade de aprender e demonstram compromisso, mas, para muitos, a escola ainda parece ser um ambiente para brincar e conversar.

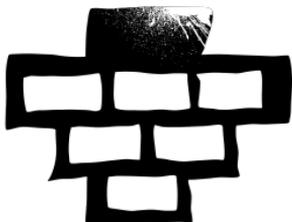
São muito participativos. O estudante tem que ser protagonista, e, em uma porcentagem positiva, isso é visível no dia a dia. É uma comunidade que se envolve muito nas atividades. Para muitos, a escola é um espaço de convivência, interação e transformação devido à sua localização.

A interação entre estudantes e profissionais da educação extrapola a sala de aula, já que **os profissionais da educação entrevistados apontam que há conversas bilaterais, amizade, respeito e carinho expressos nos corredores das escolas. No entanto, há profissionais que estabelecem uma relação mais vertical e de menor proximidade com os discentes.** Eles compreendem que a pandemia teve um impacto nessas relações, percebendo uma diminuição no nível de interação e um aumento da violência entre diferentes grupos.



O primeiro semestre foi bem conturbado, foi difícil voltar a reconhecer as regras dos espaços: como se comportar, qual tipo de tratamento devo ter com esse adulto, professor ou aluno. Tivemos algumas situações conturbadas com desrespeito, e não apenas dos alunos. Eu tenho uma boa relação com eles, não posso me queixar, eles são bastante afetuosos e carinhosos. Conforme fomos retomando a rotina, voltamos com o abraço, o cumprimento, e o dia a dia foi ficando mais tranquilo com essa retomada dos encontros afetivos.

Eles gostam de estar juntos, têm bons relacionamentos, querem brincar, bagunçar,





brigam, e logo depois já estão bem de novo. Temos visto muita superação das dificuldades de relacionamento. No primeiro semestre, houve muitas brigas, foi bem violento, um semestre de relações violentas entre eles, mas tem melhorado. Eles perderam o contato rotineiro com muitas pessoas.

Aí já temos algumas diversidades, muitos atritos e brigas no pós-pandemia, muitas confusões. Há uma dificuldade de lidar com o outro, de permitir, há um pouco disso. Mas, lógico, também há as relações mais próximas, de amizade, porque muitos vêm juntos desde o primeiro ano.

Eles acabam interagindo de maneiras diferentes. Aqueles grupos de amigos com interesses comuns atuam em projetos comuns, mas há muita disputa entre eles, aquela história de querer diminuir o outro, tirar sarro. Às vezes, há uma relação conflituosa entre os mais novos e os mais velhos, já que temos alunos do primeiro ao nono ano. São jovens em formação e, muitas vezes, tentam se impor pela força, por questões de grupos. Infelizmente, isso também existe.

Eu tenho percebido, não sei se pelo contexto político e social do momento, mas tem havido uma agressão muito maior em termos de raça. Existe a ideia de companheirismo e tal, mas tem prevalecido a ideia de 'você é você e eu sou eu, e você é



diferente de mim'. Muitos alunos xingando de macumbeiro, macaco, preto... A gente via essas situações antes, mas em um grau muito pequeno. O preconceito, o racismo, toda essa situação está fortemente presente na escola. Eu, como professora negra, sinto o peso disso, porque não consigo ver um aluno meu... eu tomei as dores para mim. É uma situação de embate.

O intervalo tem o problema do espaço e do que está disponível para eles, mas, no geral, pensando no contexto pós-pandemia, a interação aumentou, embora tenha se tornado um pouco mais violenta. Temos vários casos para mediar conflitos. O mais grave foi o aumento da violência, mas, no geral, a convivência é boa.

Os profissionais de educação destacam que os estudantes trazem para a escola diferenciais importantes, oriundos de suas origens em diferentes regiões do país. Isso inclui, por exemplo, uma diversidade de culinárias e hábitos alimentares, que muitas vezes entram em conflito com a alimentação oferecida na instituição. Além disso, ressaltam as práticas culturais e musicais, como *funk*, *rap*, *trap*, *brega*, *forró* e *sertanejo*, que são amplamente presentes.

As gírias e dialetos locais, os vídeos que produzem, os espaços nas redes sociais, os estilos, penteados, jogos, batalhas de rima, *Slams* e o *Hip-hop* são também formas de expressão e afirmação de suas identidades. Os estudantes trazem, ainda, seus problemas e necessidades particulares, pois a escola se abre para que compartilhem suas vulnerabilidades.



Os novos ritmos, músicas e danças, uma nova maneira de falar, novas gírias do gueto, as meninas vêm com diversos penteados. Temos muita questão de gênero e orientação sexual também, de se assumir.

Trazem seus costumes, cultura, manifestações e maneiras, como vestimenta, gosto musical, penteados e cortes de cabelo.

Ultimamente, eles trazem muito das experiências em relação à pandemia. A gente não tem muito acesso às intimidades, mas aparecem muitas das violências da pandemia e das dificuldades econômicas.

Muitas vezes a gente não consegue perceber isso com clareza. Tenho contato com eles uma vez por semana, e as coisas passam batido. A gente percebe pelo modo de vestir que pertencem a alguma tribo, e por vezes há muita influência da



religiosidade. Também trazem um pouco da relação familiar ou da ausência dela. Dá para perceber, quando temos que lidar com a família, o quanto o comportamento deles reflete a situação familiar, às vezes mais agressivo, distante ou superprotetor.

Eu também sou da periferia como eles, então não sei se considero isso muito diferente. Mas eles trazem as músicas, gostam de músicas que geralmente a gente não usa em sala de aula. O funk é muito presente. As gírias, o vocabulário deles é muito legal, sempre com coisas novas. O estilo, as roupas, a maneira de se vestir, de fazer o cabelo, as maquiagens, eles trazem coisas novas que não são muito comuns no ambiente escolar.

Como aqui tem um êxodo, com alunos de outras regiões, como do Nordeste, é muito legal falar com eles sobre culinária. Eles têm dentro de casa uma culinária que acabam confrontando com o que a escola oferece em termos de alimentação. E até em termos de cultura e música, o funk é muito presente, mas também tem bastante do forró e do sertanejo brega, que os pais escutam. Eles têm bastante contato com música e dança, e a educação física acaba ajudando nisso, trazendo o Hip-hop e outras referências.



Os profissionais da educação **apontam diversos espaços na escola como locais de sociabilidade**, interação e convivência entre os estudantes, como o pátio, a quadra, o refeitório, o banheiro, as salas de aula, leitura, informática e vídeo, além dos CEUs e parquinhos. Nesses ambientes, os alunos participam de atividades variadas: aprendem, se alimentam, conversam, brincam, jogam, praticam esportes, cantam, dançam, trocam experiências e desenvolvem projetos. **No entanto, os educadores observam que o uso excessivo de celulares tem diminuído as interações entre eles.**

As culturas juvenis presentes no ambiente escolar, segundo os profissionais, englobam diferentes áreas de interesse: musicais (*funk, Hip-hop, rap, trap, sertanejo, rock, k-pop, reggae, pagode, samba*), redes sociais (*TikTok*), jogos (*xadrez, cartas, Uno, jogos digitais*), esportes (*vôlei, capoeira, futebol, skate, basquete*), religiões (*evangélicos e de matriz africana*), atividades artísticas (*dança, teatro, animes*), movimentos ativistas (*grêmios, campanhas, grupos de acolhimento*) e identidades (*meninas,*



LGBTQIAPN+, negros, patricinhas, gênios, PCDs, entre outros).

Apesar do empenho dos profissionais em aproximar as práticas pedagógicas das identidades, expressões culturais e movimentos juvenis presentes na escola, eles **reconhecem que a falta de preparo, o tempo escasso e a dinâmica institucional dificultam a efetivação desse trabalho.**



Apenas alguns professores desenvolvem essa questão dentro de suas disciplinas, mas, de modo geral, não dialogam.

Na minha área de Educação Física, toda vez que tenho oportunidade, trabalho dentro do currículo, e ele é rico nisso. Eu tenho as questões indígenas, o Hip-hop, e aproveito esses momentos para trabalhar isso com os alunos. Eles gostam de participar e desenvolver, mas o tempo é muito curto na minha disciplina, pois só tenho duas aulas na semana, o que é diferente de Português e Matemática, que têm seis aulas semanais. Acabamos ficando um pouco prejudicados nisso.

A gente tem um projeto grande que trabalha com os 8^{os} e 9^{os} anos, que é o de tutoria.



Eles são reorganizados em grupos menores e escolhem por identificação com a temática que será trabalhada. Essas tutorias estão todas voltadas para a ocupação do território, e o território é pensar na periferia. No começo do ano, fizemos algumas sondagens e pesquisas para saber como eles estavam, tanto em termos de conhecimento quanto de sentimento. Eu gosto muito de trabalhar com literatura periférica; a gente trabalha bastante com rap. Temos projetos ligados à cultura negra e vários outros pensados em torno das identidades periféricas.

Temos alguns projetos, como o projeto de tutoria, que aborda diversos temas: religiões, patrimônios da cidade, história e música. À tarde, temos as eletivas: jogos de tabuleiro, fotografia, dança. Nesses projetos, os estudantes vão se identificando, e a gente consegue trabalhar de uma forma mais pedagógica.

Os professores têm sua liberdade e o planejamento para cumprir, mas a gente sempre tenta trazer o elemento artístico, do teatro, cultural e esportivo. A sala de leitura é o único espaço que eu sei que não dá nota e que não tem aquela visão formal. Eu apresento para eles o que é o rap, os elementos da cultura Hip-hop, o acervo de literatura periférica, indígena e africana, para fomentar algumas discussões. Eles são estudantes de escola





pública, fazem parte de uma sociedade tão desigual, e alguns participam, mas sabemos que, em alguns casos, a gente passa superficialmente. Organizamos saraus, Slams, trazemos convidados para dialogar com eles. Todas as vezes que há alguma atividade cultural promovida por uma organização parceira, a gente tenta inserir alguns alunos na programação."

Com relação ao protagonismo juvenil nas escolas, **os profissionais apontam que são desenvolvidos projetos para estimular essa participação**, como grupos acolhedores, grupos de mediação de conflitos, grêmios, imprensa jovem, campeonatos esportivos, feiras temáticas, trabalhos e projetos temáticos, produções e apresentações artísticas, assembleias, conselhos e construção de projetos de vida.



Existe o grêmio estudantil, e está sendo desenvolvido um projeto sobre diferenças culturais em que as turmas vão trabalhar diferentes gêneros musicais.

Existe o grêmio em que os alunos participam de forma ativa. Existem também as aulas em formato invertido, nas quais os alunos escolhem



os temas a serem trabalhados. Aconteceram eventos como festa junina, rodas de conversa e campeonatos.

Existe, e há uma busca por protagonismo; eles são bastante críticos e questionadores, o que é muito importante. Ontem aconteceu a nossa segunda assembleia dos estudantes. Iniciamos as assembleias para que se tornem uma rotina, pensamos em ser deles. Começamos a trazer propostas de alterações para que eles trabalhem. Eles que vão lá falar, levantam os temas e questões, e pensam em soluções.

Com certeza, só o fato de o estudante conseguir identificar e manifestar o seu projeto de vida já é um ato de protagonismo. Nessa disciplina, o estudante é o agente principal, e, semestralmente, há um momento de apresentação dos projetos.

Ao serem questionados sobre como as práticas sociais, culturais e políticas dos estudantes podem contribuir para o desenvolvimento educacional, os profissionais da educação **destacam que a diversidade e sua valorização melhoram a convivência no ambiente escolar, conectam a escola ao território e aos grupos atendidos, ajudam a reduzir**



desigualdades, fortalecem o engajamento e a participação dos discentes, aumentam as perspectivas de conclusão da educação básica, favorecem a formação cidadã, **ampliam o repertório de conhecimentos, estimulam a voz e o protagonismo dos estudantes e colocam em pauta temas de interesse da comunidade escolar.**

Para ampliar o engajamento e a participação dos estudantes no processo educacional, **os profissionais apontam que a escola deve assumir a responsabilidade de estimular e favorecer essa participação por meio de espaços de escuta e construção colaborativa, onde os estudantes possam se expressar, construir, produzir e exercer suas capacidades criativas.** Isso inclui promover atividades que aproximem a escola das comunidades, construir conexões e intercâmbios com espaços e instituições locais, adotar as Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) como forma de integração e interação, criar e fortalecer espaços de convivência na escola, reconhecer e valorizar as linguagens locais, realizar projetos inter e transdisciplinares e garantir instâncias de gestão democrática com representação estudantil.



PEDAGOGIAS *HIP-HOP* E CULTURAS JUVENIS NAS ESCOLAS

Tratamos de *culturas juvenis*, e não de cultura juvenil, porque consideramos as juventudes em sua pluralidade, ou seja, com trajetórias, identidades, subjetividades, gênero, sexualidade, classe, e origem territorial, social, cultural e étnico-racial diversas.

As culturas juvenis são constituídas em momentos socio-históricos e contextos sociais que precisam ser compreendidos para dar sentido às respostas de sociabilidade que esse grupo geracional constrói. Portanto, para analisar as culturas juvenis, é essencial compreender o tempo histórico e o contexto em que emergem e como elas respondem às necessidades das juventudes.

Segundo Duarte (2014), **às culturas juvenis se configuram como um campo de distinção social e de disputa**

simbólica, já que transgridem valores e normas estabelecidos, abrindo espaço para novas formas de relacionamento que afirmam suas identidades e dão sentido às suas vidas. **A construção dessas culturas ocorre em espaços de encontros, geralmente públicos, como ruas ou escolas, e essas manifestações tornam-se mecanismos pelos quais os jovens criam identidades que os distinguem tanto do mundo adulto quanto de outros grupos juvenis.** As formas de capital - econômico, cultural e social - que operam na formação das culturas juvenis influenciam sua distinção sociocultural em relação a outros grupos. Assim, o encontro entre identidades e diferenças é um elemento central na formação das expressões culturais das juventudes.

Dessa forma, as culturas juvenis representam agrupamentos em que jovens compartilham identidades, gostos, interesses, estilos, linguagens, crenças e práticas. “Assim como qualquer outro agrupamento humano, os jovens também se agrupam por afinidade em torno de ideais artísticos, culturais, políticos, religiosos, etc.” (Dias; Marchi, 2012, p. 1054).



Esses agrupamentos podem ocorrer em instituições frequentadas pelos jovens, como escolas, igrejas e centros comunitários, ou por meio de expressões com as quais se identificam, como clubes de futebol ou estilos musicais, além de aspectos identitários, como raça, gênero, sexualidade, ou origem territorial. Dias e Marchi (2012) apontam que existem diversas formas de sociabilidade nas experiências das juventudes, desde a instituição familiar até clubes de futebol, e que é necessário considerá-las para compreender a formação dos grupos juvenis.

No entanto, o pertencimento a um grupo não implica que as juventudes não compartilhem elementos em comum com outros grupos. Jovens com crenças distintas e que frequentam instituições religiosas muito diferentes podem, por exemplo, gostar do mesmo tipo de música ou torcer pelo mesmo time. **Portanto, as culturas juvenis não colocam os jovens em grupos de oposição, mas reúnem pessoas com outras experiências e identidades.** Embora reconheçamos as desigualdades e práticas de segregação existentes em nossa sociedade - que



influenciam as fronteiras estabelecidas pelos grupos para afirmar suas identidades -, entendemos que essas fronteiras não necessariamente impõem limites rígidos ou oposições frente a outros grupos.

A compreensão da juventude como um grupo com uma “representação sociocultural e uma situação social”, conforme Dias e Marchi (2012), levou ao entendimento de que os “comportamentos e atitudes” desse segmento passaram a ser tratados como *cultura juvenil*: “Assim, entende-se que são condutas partilhadas pelos sujeitos ou grupos jovens que compõem a juventude” (p. 1056). **Esse conceito nasceu no final da década de 1950 como uma categoria analítica para explicar as “manifestações juvenis” daquele período e, posteriormente, passou a ser uma ferramenta para analisar os conflitos geracionais que as expressões juvenis colocavam para as sociedades, considerando duas perspectivas: geracional e classista.** A primeira trata as juventudes como um grupo homogêneo, com uma cultura desviante que entra em conflito com os valores de gerações mais velhas; a segunda

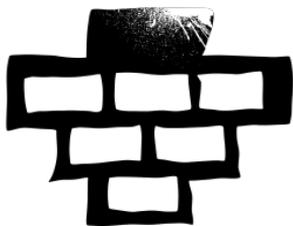
considera as desigualdades enfrentadas pelas juventudes e vê suas expressões culturais como formas de resistência à reprodução social.

A escola é um espaço de encontros entre estudantes com histórias, trajetórias, origens e experiências diversas, e é comum que nela se formem grupos com maior identificação. Ao mesmo tempo, os jovens entram em contato com novas formas de expressão, construindo novas identidades.

Tendo em vista o tempo que os jovens passam juntos no espaço escolar, este propicia um ambiente favorável à socialização e à criação de grupos. Esse tempo partilhado pode determinar a direção de certas atividades, assim como formas de perceber o mundo. O aprendizado gerado pelo grupo potencializa a assimilação de certas práticas culturais, sendo o processo inverso também verdadeiro; isto é, as práticas culturais podem também determinar as relações sociais dos indivíduos (DIAS; MARCHI, 2012, P. 1062).

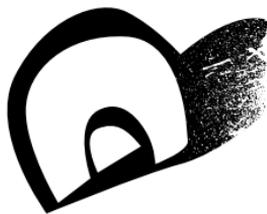
Se a escola é um espaço de socialização e encontro das diferenças, onde esses encontros possibilitam a formação de grupos que podem ser chamados de *culturas juvenis*, essas expressões fazem parte da formação escolar? Essas experiências contribuem para o desenvolvimento de habilidades e competências previstas nos marcos legais educacionais? Como as culturas juvenis poderiam ser integradas à institucionalidade da escola?

Interessados nas pedagogias *Hip-hop* e nas culturas juvenis nas escolas, realizamos um levantamento bibliográfico para entender como essas culturas circulam e influenciam a educação de estudantes da educação básica. Nosso objetivo foi evidenciar as culturas juvenis e as pedagogias da geração *Hip-hop* em escolas públicas de territórios periféricos, mostrando como essas expressões culturais, presentes dentro e fora do ambiente escolar, servem de referência para a educação formal. **Analisamos 64 trabalhos, entre teses, dissertações, artigos e monografias/TCCs, publicados entre 2014 e 2021.**



Desde a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) e tornou obrigatório o ensino de cultura e história africana e afro-brasileira, o universo *Hip-hop* tem sido apontado como um meio para cumprir essa lei. Originado das tradições afro-diaspóricas, o *Hip-hop* busca também resgatar a ancestralidade e reinventar gerações, subvertendo os apagamentos causados pela diáspora. Nesse contexto, são retomadas figuras de resistência, como Rainha Nzinga, Mandume, Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares, cujas histórias são recontadas a partir da perspectiva negra.

O *Hip-hop* tem influenciado várias disciplinas escolares, provando-se um conhecimento plural e complexo. O *rap*, por exemplo, é uma possibilidade em aulas de língua portuguesa, literatura, sociologia e filosofia, enquanto o *grafitti* pode ser trabalhado em disciplinas como história e geografia, abordando a comunicação subversiva e a preservação da memória. O *breakdance*, presente na educação física, geografia e história, lida com corporalidade e



representação territorial, enquanto o *DJing*, que acompanha o *breakdance*, pode ser explorado nas ciências exatas, por meio do estudo de sistemas elétricos e ondas sonoras.

As possibilidades de uso dos elementos do *Hip-hop* são amplas e dependem da criatividade dos educadores. O *Hip-hop* pode ser um aliado potente da educação formal. **Das 64 referências bibliográficas analisadas, 23 abordam o uso do *Hip-hop* como tecnologia ou prática educativa, refletindo sobre as possíveis alianças entre educação formal e não formal.** O *Hip-hop* também é mobilizado em práticas educativas com jovens em medidas socioeducativas.

As diferentes manifestações do *Hip-hop*, como o *funk*, os *Slams* e os *saraus*, têm adentrado as escolas, mobilizando seus aspectos simbólicos e conhecimentos, ao mesmo tempo em que tensionam a moralidade hegemônica e desafiam a produção tradicional de conhecimento. **Os *Slams*, consagrados como espaços educativos, deram origem à modalidade interescolar em 2015, dividida entre ensino fundamental e médio.** Poetas veteranos conduzem oficinas de poesia nas escolas, que organizam seus *Slams*

internos, com os vencedores competindo em rodadas estaduais e nacionais.

Diferentemente dos saraus, que não permitem múltiplas apresentações com caráter competitivo, os Slams se tornaram centrais nas escolas, incentivando os estudantes a expandirem seus repertórios e a desenvolverem habilidades de improvisação.

As culturas juvenis e as pedagogias do *Hip-hop* desempenham um papel essencial na formação dos estudantes, promovendo conhecimentos orgânicos e relevantes. No entanto, essas práticas ainda enfrentam preconceitos e racismo nas escolas, o que pode gerar conflitos entre os estudantes e a gestão escolar. Uma outra observação, por exemplo de expressão cultural que ganhou espaço nas escolas, são as batalhas de passinho, que antes estavam associadas ao breakdance. Após a pandemia, com a popularização do *Tik Tok*, essas danças virais reformularam as tradicionais batalhas de passinho, integrando novas influências culturais.

As culturas juvenis podem se aproximar do universo do *Hip-hop* de diferentes maneiras, estabelecendo conexões diretas ou indiretas. No caso

dos esportes, em particular o futebol, é desafiador identificar uma relação direta com o *Hip-hop*. **Contudo, nas escolas das periferias, o futebol tem uma forte vinculação com os clubes de várzea, em contraste com o futebol europeu.** Esses clubes, compostos por moradores dos bairros, participam de campeonatos municipais e regionais, promovendo não apenas o esporte, mas também ações sociais, refletindo as dinâmicas culturais e identitárias das favelas e periferias. **Esse cenário é presente no cotidiano escolar, manifestado por meio de camisas de times e nas práticas esportivas, favorecendo o desenvolvimento de competências matemáticas e a organização de torneios interclasses.**

Além do futebol, outros esportes, como basquete, vôlei e tênis de mesa, integram as culturas juvenis nas escolas, especialmente em instituições como os SESC's e CEUs. Essas modalidades, vivenciadas pelos estudantes em contextos externos à escola, são incorporadas ao ambiente escolar, enriquecendo suas experiências e ampliando as referências culturais dos jovens.



PESQUISA IN LOCO



No trabalho de campo, ficou evidente que os estudantes reivindicam ser ouvidos, pois, segundo eles, tanto a gestão quanto o corpo docente negligenciam essa escuta. Além disso, a ausência de espaço para o diálogo entre as culturas juvenis, as vivências locais e os conhecimentos prévios dos alunos é uma questão crucial. **Essa falta de diálogo impacta diretamente a adesão escolar, uma vez que não se valoriza a bagagem cultural que cada estudante traz para o ambiente educacional diariamente.**

O medo de perder o controle na sala de aula muitas vezes leva os professores a cair num padrão convencional de ensino em que o



poder é usado destrutivamente. É esse medo que conduz os professores, coletivamente, a investir no decoro burguês como meio de conservar uma noção fixa de ordem, de garantir que o professor tenha autoridade absoluta. Infelizmente, esse medo de perder o controle molda e informa o processo pedagógico docente na medida em que atua como barreira que impede todo desenvolvimento construtivo com as questões de classe social
(bell hooks, p.249).

A falta de escuta reiterada e as aulas desinteressantes são constantemente mencionadas pelos estudantes como problemas recorrentes. A ausência de conexão entre as aulas e a realidade local, **a resistência em criar práticas pedagógicas mais experimentais, e a distância em relação à cultura vivida pelos estudantes contribuem para tornar o ambiente escolar menos atrativo, dificultando, assim, o processo de aprendizagem.**

Nesse contexto, o processo de aprendizagem é prejudicado pelo receio dos professores em adotar a escuta ativa e acolher as demandas e sugestões

dos estudantes, principalmente aquelas relacionadas às suas bagagens culturais, que englobam questões de gênero, raça, classe, sexualidade, religião e origem.

A falta de escuta compromete tanto a participação ativa dos estudantes quanto seu aprendizado, ao mesmo tempo em que intensifica suas reivindicações, aprofundando os conflitos entre estudantes, professores e gestão.

Os estudantes enxergam a escola como um espaço onde deveriam ocorrer discussões sobre sensibilidades, diferenças e emoções. Mesmo que muitas vezes a escola não se proponha a lidar com esses temas, ela é compreendida pelos estudantes como o lugar ideal para esses debates, o que reforça suas demandas.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

(Citação BNCC)

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o cuidado com a

saúde física e emocional é uma das competências gerais previstas para a educação brasileira. **No entanto, os estudantes de diversas escolas relatam um adoecimento coletivo que não é devidamente acolhido pela instituição.** Essa falta de acolhimento se reflete na ausência de escuta generalizada, com a escola se mostrando pouco aberta a sugestões e adaptações de projetos que atendam às demandas levantadas pelos alunos. Segundo eles, essa negligência também se manifesta nas respostas impacientes dos professores, que reclamam quando os alunos trazem suas dores para discussão.

O ritual restritivo e repressivo de sala de aula insiste que não há lugar para as reações emocionais. [...] Para mim essa é uma visão distorcida da prática intelectual, pois o pressuposto por trás dela é que para ser verdadeiramente intelectual você tem de estar separado das suas emoções (bell hooks, p.207, 2017).

Grande parte dessas dores emocionais compartilhadas pelos estudantes está relacionada ao período pós-pandêmico,



mas, principalmente, às diferenças que raramente são abordadas e acolhidas pela escola. Os estudantes indicam repetidamente casos de brigas, racismo, LGBTQIAP+fobia e intolerância religiosa, que se transformam em *bullying* e na ausência de escuta por parte da gestão escolar, especialmente quando os próprios professores demonstram preconceito.

Esse silenciamento imposto aos estudantes de grupos minoritários não se limita à falta de acolhimento de suas demandas, mas também à resistência em adotar práticas pedagógicas inovadoras e instigantes, em contraponto ao modelo tradicional de ensino. Nesses casos, é evidente o não cumprimento da terceira competência geral da BNCC, que trata da valorização das diversas culturas, sejam elas locais ou globais.

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural.

Em todos os níveis do ensino brasileiro - primário, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas,



como se executasse o que havia previsto a frase de Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos
(Nascimento, p.113, 2916).

Os estudantes entendem que a escola deveria ser um espaço inclusivo, democrático e aberto ao debate das diferenças. Apesar das denúncias de preconceito e do fato de que muitas escolas não abordam essas questões, os estudantes continuam a reivindicar que a escola seja um lugar para esse tipo de diálogo.

Pouco se discute - se é que se discute - modo com que as atitudes e valores das classes materialmente privilegiadas são impostos a todos por meio de estratégias pedagógicas tendenciosas. Essas parcialidades, refletidas na escolha dos assuntos e na maneira como as ideias são compartilhadas, não precisam ser declaradas abertamente
(bell hooks, p.238, 2019).

No contexto de intensificação dos ataques à liberdade dos professores e

das disputas por políticas públicas e currículos, destaca-se a imposição de valores cristãos dentro da comunidade escolar, envolvendo pais e professores. O monitoramento da ordem hegemônica cristã ultrapassa os direitos assegurados pelas políticas públicas, forçando a escola a atender essas demandas e reiterando o caráter colonial da dinâmica escolar. Esse processo sufoca as subjetividades dos estudantes e limita a pluralidade presente no ambiente escolar. "Ao atacar a educação como prática da liberdade, o autoritarismo na sala de aula desumaniza e, por isso, destrói a 'magia' que existe quando os indivíduos são aprendizes ativos. Ele 'tira toda a graça' do estudo, tornando-o repressivo e opressivo" (bell hooks, p. 201, 2019).

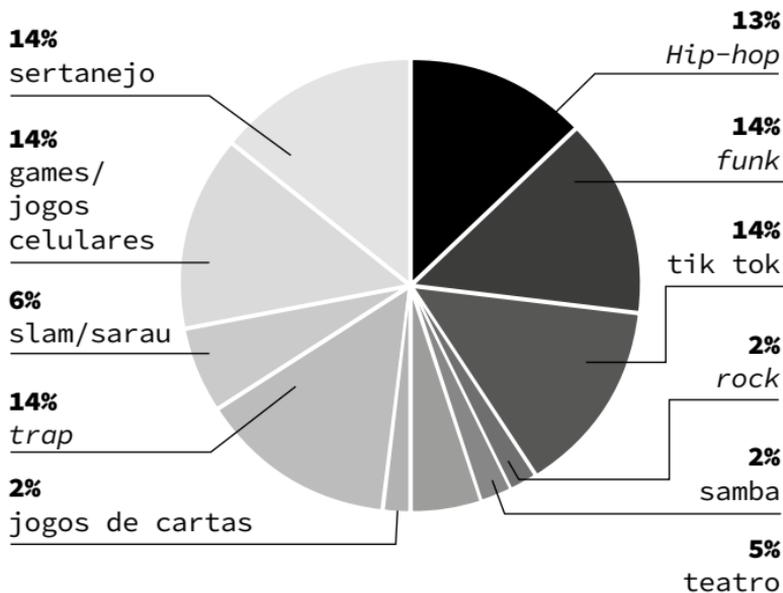
CULTURAS JUVENIS NAS ESCOLAS



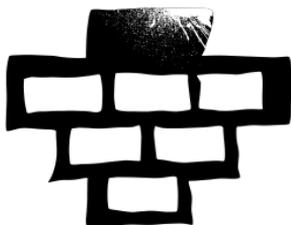
As culturas juvenis circulam pelos territórios escolares por meio das expressões e dos agrupamentos dos estudantes, bem como pelas redes sociais, como o *Tik Tok*. Muitas dessas manifestações entram na escola por intermédio dos próprios alunos, que trazem suas vivências adquiridas em espaços como CEUs, CCAs (Centro para Crianças e Adolescentes) e projetos sociais, com destaque para a prática esportiva e a cultura *Hip-hop*. O estilo de vestimenta também carrega identidades que, embora possam formar grupos evidentes ao olhar, não se restringem a um único grupo, já que os estudantes transitam por múltiplos coletivos. A estética negra, em especial, ganha destaque entre as meninas, expressa por maquiagens, tranças e *black powers*.

As culturas juvenis presentes podem ser vistas no gráfico a seguir:

CULTURAS PRESENTES NAS ESCOLAS



Entre as manifestações culturais que envolvem dança, destacam-se o *Tik Tok* e o *Hip-hop*, principalmente por meio do *breaking*, além de outros gêneros musicais que envolvem a corporalidade, exigindo noções de si, do corpo, do espaço, da profundidade e da coordenação motora. No caso do *Tik Tok*, há também a necessidade de ensaio, criatividade e inovação nos passos e movimentos, uma vez que essa rede social é impulsionada por tendências que viralizam e se renovam constantemente.



Os jogos de cartas, como Uno, que envolvem números, possibilitam o desenvolvimento de habilidades centrais para a formação dos estudantes, embora sejam prejudicados pelo formato tradicional das aulas. Essas atividades podem fomentar o aprendizado de conceitos como análise combinatória, probabilidade e soma.

Os principais gêneros musicais trabalhados possibilitam reflexões filosóficas e análises sociológicas e históricas sobre a realidade vivida pelo eu-lírico. Esse letramento amplia as referências dos estudantes, uma vez que muitas composições contêm elementos desconhecidos por eles até o momento em que são apresentados à música. Além disso, o trabalho com essas composições incentiva a leitura e a compreensão crítica da sociedade.

Algumas práticas relacionadas às Ciências Humanas dialogam com essas culturas. Por exemplo, no nono ano, trabalho a apropriação de marcas famosas a partir das letras de funk que os estudantes trazem. Mapeamos essas marcas pelo mundo, discutimos como estão

inseridos na teia de consumo e abordamos as desigualdades, pois o funk, por vezes, cria um produto de ostentação, o que exige uma crítica a essa questão. Com o oitavo ano, estamos aprofundando as noções de território e região por meio das letras de rap e da dança.

(Professora entrevistada)

As culturas juvenis, portanto, estão presentes nos espaços não formais do currículo, como corredores, intervalos, portas da escola e nas redes sociais dos alunos. Apesar de não serem consideradas nas práticas pedagógicas, essas atividades desenvolvem habilidades importantes para a formação escolar. Um grupo de alunos que faz *slam*, por exemplo, está direcionando um olhar crítico sobre o seu contexto ao escrever e performar suas declamações, habilidades previstas na BNCC. **No entanto, muitos docentes ainda não enxergam essas manifestações como produção de conhecimento e parte da formação dos estudantes, pois estão presos às exigências de um currículo padronizado.**

Nossa argumentação é que, **ao considerar as culturas juvenis nos planos de aula e no cotidiano**

escolar, os professores podem criar maior engajamento dos estudantes no processo formativo. Observamos que grupos historicamente discriminados se envolvem mais em atividades não reconhecidas formalmente do que nas atividades curriculares tradicionais, como evidenciado pela participação dos meninos negros. Assim, defendemos que a escola obteria melhores resultados ao reconhecer as potências existentes fora do currículo tradicional e ao construir pontes entre as práticas culturais juvenis e o currículo.

O aluno que tem dificuldade em matemática, por exemplo, consegue organizar jogos interclasses, planejando rodadas e pontuações. Por que isso não pode ser uma oportunidade para mostrar que ele domina conceitos matemáticos? O problema reside no método de ensino.

Pontuando a importância do pretuguês em nosso cotidiano (relacionado à valorização das práticas e expressões culturais das periferias, especialmente as de matriz negra, que muitas vezes são marginalizadas no ambiente escolar), o pesquisador e rapper Marcus, integrante do projeto, apresentou uma de suas composições



de rap aos estudantes. O exercício proposto foi identificar as gírias presentes na letra da música, para, em seguida, discutir a identidade cultural das periferias de São Paulo.

A compreensão das potencialidades do pretuguês, no contexto escolar, traria ao Hip-hop – incluindo funk e rap como linguagens e elementos do movimento – maior prestígio e adesão por parte da escola, ao tratá-los como material didático de reflexão e conhecimento que extrapola a formalidade da escolaridade hegemônica: “Na cultura popular negra contemporânea, o rap se tornou um dos espaços onde o vernáculo negro é usado de maneira a convidar a cultura dominante a ouvir – a escutar – e, em certa medida, a ser transformada.” (bell hooks, p. 228, 2017).

Entretanto, a falta de escuta e adesão à cultura da comunidade escolar marginaliza os saberes prévios dos estudantes. **Ao invés de facilitar e explorar de forma mais potente o processo de aprendizagem, essa marginalização compromete a autoestima dos alunos, que sentem seus conhecimentos deslegitimados e tidos**

como inferiores. A deslegitimação de saberes culturais provenientes de culturas negras e periféricas caracteriza-se como epistemicídio (Carneiro, 2005), **reiterando a noção de superioridade da branquitude em detrimento da população negra.** Essa prática de atribuir maior legitimidade e prestígio aos saberes brancos e eurocêntricos tem origem na elaboração institucional da escola, modula políticas públicas, reverbera na formação do corpo docente e, por fim, se efetiva no cotidiano escolar, já que muitos docentes e gestores **trazem para as salas de aula valores conservadores que lidam de forma pejorativa com as diferenças.**

Os entornos da escola são centrais para a socialização e formação extraescolar dos estudantes de cada território. CEUs, CCAs, *Slams*, batalhas e projetos independentes integram as narrativas em todas as escolas. **A estrutura precária de muitas dessas escolas impossibilita ou dificulta as aulas de educação física, o que torna os CEUs espaços centrais para a vivência esportiva.**



As reivindicações por diálogo e pelo combate às desigualdades e violências de gênero, raça e orientação sexual foram também evidenciadas e reiteradas de forma urgente pelos estudantes. Segundo os interlocutores, por vezes o corpo docente e a gestão são coniventes ou autores dessas violências. Por isso, há pouco diálogo sobre essas temáticas, mesmo quando a sugestão ou proposta parte do protagonismo estudantil.

As culturas esportivas presentes, que podemos elencar, são futebol, basquete e vôlei, mesmo nos casos em que as aulas de educação física são negligenciadas devido às condições precárias. Esses esportes aparecem devido às vivências nos entornos escolares, como nos CEUs, times de várzea e outros projetos independentes de vivência esportiva.

Dado o amplo repertório, os estudantes demonstram-se frustrados porque seu capital cultural é absolutamente desconsiderado e marginalizado ao longo do processo de construção formal do conhecimento. Isso os afasta do que lhes é familiar, obrigando-os a se voltar às bases eurocêntricas de conhecimento, que lhes são estranhas e carregam a herança colonizadora.

Os territórios em que os estudantes estão inseridos são marcados pela

precarização e vulnerabilidade social. Esse contexto remete ao surgimento dos Racionais MC's, grupo de *rap* que, ao longo de suas composições, elabora uma descrição crítica sobre a vulnerabilidade das periferias em contraste com o processo de urbanização no final dos anos 1990. A falta de espaços de lazer e vivência juvenil agrava o problema, uma vez que grande parte das famílias tem como grau de escolaridade o Ensino Fundamental incompleto e é chefiada por mães que precisam exercer atividades para além do trabalho doméstico.

Dado esse contexto, é de suma importância a existência de espaços de vivência, cultura e educação extraescolar, como a Casa José Couto, o Centro da Criança e do Adolescente, a Casa do Zezinho, o Projeto Arrastão e o Sarau do Capão, além dos CEUs, que são centrais para a vivência esportiva, impossibilitada pela estrutura precária de algumas escolas. Sendo esses espaços fundamentais para a socialização dos estudantes, as vivências e saberes apreendidos que entram em circulação na escola são pontes potentes para impulsionar o aprendizado e atuar na redução da evasão escolar.





CULTURAS JUVENIS

como currículo a partir da pedagogia *Hip-hop*

Apresentamos, a seguir, um levantamento e caracterização das atividades culturais juvenis identificadas no trabalho in loco em nove escolas onde esta pesquisa foi realizada. Essas atividades podem ser abordadas não de forma cartesiana, passo a passo, mas sim pela identificação e valorização das experiências dos estudantes, enfatizando o protagonismo juvenil, conforme propõe a Pedagogia *Hip-hop*. Essa pedagogia se insere no que se entende por pedagogia crítica. Dias (2018) destaca que a pedagogia crítica “se propõe a estimular e ensinar os alunos a questionar como estão sendo educados na escola. **Em um primeiro momento, o aluno compreende que faz parte de uma sociedade e, depois,**



começa a analisar os problemas dessa sociedade para, em seguida, sugerir modificações em sua estrutura” (p. 150). Para a autora, a Pedagogia *Hip-hop* oferece uma via para a cidadania por meio de uma abordagem multidisciplinar, que envolve o acesso ao conhecimento de diversas áreas e estimula o pensamento crítico e o engajamento social.

Trabalhar a Pedagogia *Hip-hop* não significa usá-la apenas como uma ferramenta, mas abrir espaço para que os envolvidos no processo formativo possam colocá-la em prática, contribuindo para o processo educacional. Em outras palavras, é fundamental reconhecer que os educandos e as educandas também detêm estratégias e práticas que enriquecem a formação. Todos desempenham um papel crucial no desenvolvimento educacional, o que estimula o protagonismo e o engajamento dos sujeitos nesse percurso.

We don't need education to base or connect itself to us if that education does not fully reflect us. The field of education must begin to make sense of Hip-hop sensibilities that includes dress, talk, and self-expression. The core elements of emceeing, b.boying,

dee-jaying and graffiti must be seen as academic subjects and Hip-hop must be seen as the curriculum and the pedagogy. #HipHopEd argues not for a basing of what we do in formal education, but for a philosophical and conceptual understanding of Hip-hop as education. I see this approach as a critical Hip-hop pedagogy (CHHP) with a revolutionary philosophy. This is #HiphopEdu
(EMDIN, 2018, p. 3)

TRADUÇÃO LIVRE: Não precisamos da educação para fundamentar ou conectar-se a nós se essa educação não nos reflete plenamente. O campo da educação deve começar a dar sentido às sensibilidades do Hip-hop que incluem vestir, falar e autoexpressão. Os elementos centrais de MC, b.boying, deejaying e graffiti devem ser vistos como assuntos acadêmicos e o Hip-hop deve ser visto como o currículo e a pedagogia. #HipHopEd defende não um embasamento do que fazemos na educação formal, mas um entendimento filosófico e conceitual do Hip-hop como educação. Vejo essa abordagem

como uma pedagogia crítica do Hip-hop (CHHP) com uma filosofia revolucionária. Isso é #HiphopEdu

(EMDIN, 2018, p. 3).

Nesse sentido, a Pedagogia Hip-hop propõe uma ruptura com os moldes tradicionais, que muitas vezes perpetuam o "massacre" emocional e intelectual da juventude negra, pobre e periférica. Para ela, o que as escolas veem como sucesso, muitas vezes, representa uma falha, pois muitos dos que são excluídos das escolas são considerados gênios no Hip-hop, devido à sua capacidade criativa.

The #HiphopEd(ucator) makes it public that blind enculturation is a chief task of schools for urban youth of color and reimagine out loud what schools would/could look and feel like if Hip-hop was the chief tool that guides instruction. We reject any pedagogy whose aim is to indoctrinate youth into norms that do not serve their interests or reflect the cultural norms of their communities. Rather, we highlight the pedagogical practices that are inherent yo Hip-hop, and

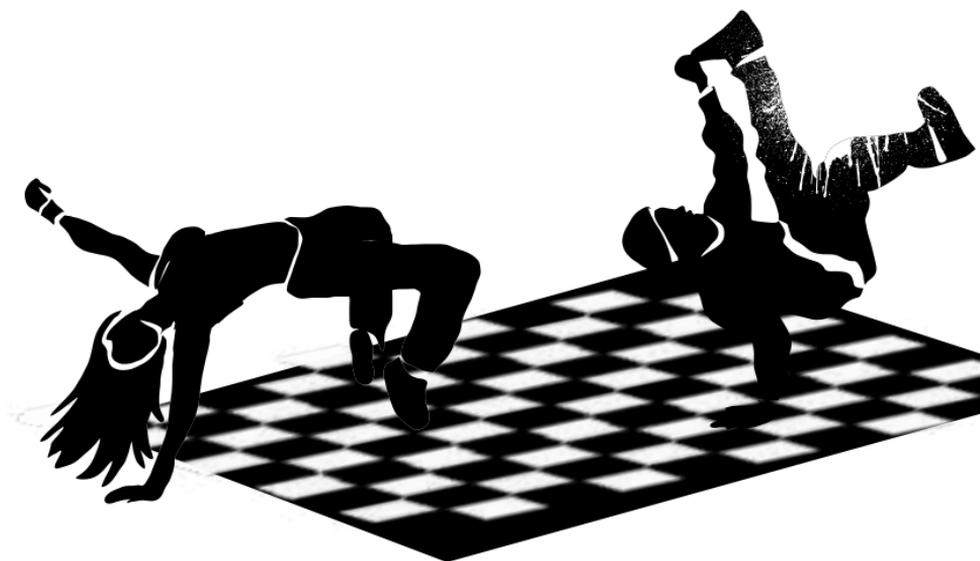


then provide evidence for how they have positively impacted youth. In this process, we highlight the ways that traditional schooling has convinced many who were raised in and by Hip-hop to abandon or ignore the Hip-hop within them. (EMDIN, 2018, P. 6)

TRADUÇÃO LIVRE: O #HipHopEd(ucator) torna público que a enculturação cega é uma tarefa principal das escolas para jovens urbanos de cor e reimagina em voz alta como as escolas seriam se o Hip-hop fosse a principal ferramenta que orienta a instrução. Rejeitamos qualquer pedagogia cujo objetivo seja doutrinar os jovens em normas que não atendam aos seus interesses ou reflitam as normas culturais de suas comunidades. Em vez disso, destacamos as práticas pedagógicas inerentes ao Hip-hop e, em seguida, fornecemos evidências de como elas impactaram positivamente a juventude. Nesse processo, destacamos as maneiras pelas quais a escolaridade tradicional convenceu muitos que foram criados no Hip-hop

*a abandonar ou ignorar o Hip-hop
dentro deles.*

(EMDIN, 2018, P. 7)



Caracterização das práticas de culturas juvenis identificadas em campo⁴

⁴ EF: ENSINO FUNDAMENTAL / EM: ENSINO MÉDIO

**COMPETÊNCIAS
GERAIS****1. Conhecimento:**

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Pensamento Científico, Crítico e Criativo –

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base

nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Repertório Cultural

– Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Comunicação – Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática, e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

10
REDUÇÃO DAS
DESIGUALDADES5
IGUALDADE
DE GÊNERO4
EDUCAÇÃO
DE QUALIDADE

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Língua Portuguesa EF:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Linguagens e suas tecnologias EM:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

HABILIDADES

Língua Portuguesa EF:

Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, Slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva.

Linguagens e suas tecnologias EM:

Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, Slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

O que é?

O *Slam* chega ao Brasil no início da década de 2010, especificamente em São Paulo. Segundo os integrantes mais antigos dos primeiros coletivos organizados, o movimento foi trazido de Chicago por Roberta Estrela D'Alva. A dinâmica dos *Slams* consiste em competições entre poetas, que recitam poesias autorais com tempo limite de três minutos. Diferente dos saraus, os *Slams* se destacam pelo formato de batalha, pela exclusividade de poesias, pela regra que proíbe o uso de adereços ou acompanhamento musical, pela presença de jurados que atribuem notas para classificar os poetas para as próximas rodadas e pelo tempo cronometrado. Caso o poeta ultrapasse 3 minutos e 10 segundos, é aplicada uma penalidade que reduz sua nota final. Além disso, os *Slams* se diferenciam das batalhas de rima, pois, inicialmente, foram frequentados majoritariamente por meninas e mulheres que não se sentiam bem-vindas nas batalhas de rima, em

razão do ambiente predominantemente machista. Atualmente, muitos *Slams* também são frequentados por pessoas trans, tornando o espaço ainda mais inclusivo. O que torna o *Slam* um ambiente democrático, com diversas representações, é o teor marginal das poesias, que expressam vivências, denúncias de violências e narrativas que a hegemonia tenta silenciar, tornando esse gênero de poesia uma marca característica dos *Slams*.

O que usam para realizar o Slam?

- Intervalo de tempo para execução;
- Microfone;
- Sistema de som;
- Mesa e livros para exposição de materiais;
- Estudantes dispostos a declamar poesias próprias ou de outros autores.

Organizar um *Slam* requer poucos elementos, especialmente porque esses eventos costumam acontecer em praças públicas – podendo ser adaptados para o pátio da escola. Nos *Slams*



escolares, basta garantir um espaço de tempo em que os estudantes sejam liberados para participar, algumas pessoas que atuem como juradas (não inscritas como poetas), uma pessoa para exercer o papel de mestre de cerimônia, outra responsável pelo cronômetro e uma terceira que ocupe a função de matemático, que registra as notas dos jurados e calcula as médias de cada poeta em cada rodada. Em alguns casos, a pessoa responsável pelo cronômetro também exerce a função de matemático. Atualmente, os estudantes dispõem apenas do intervalo e de sua auto-organização para realizar o evento.

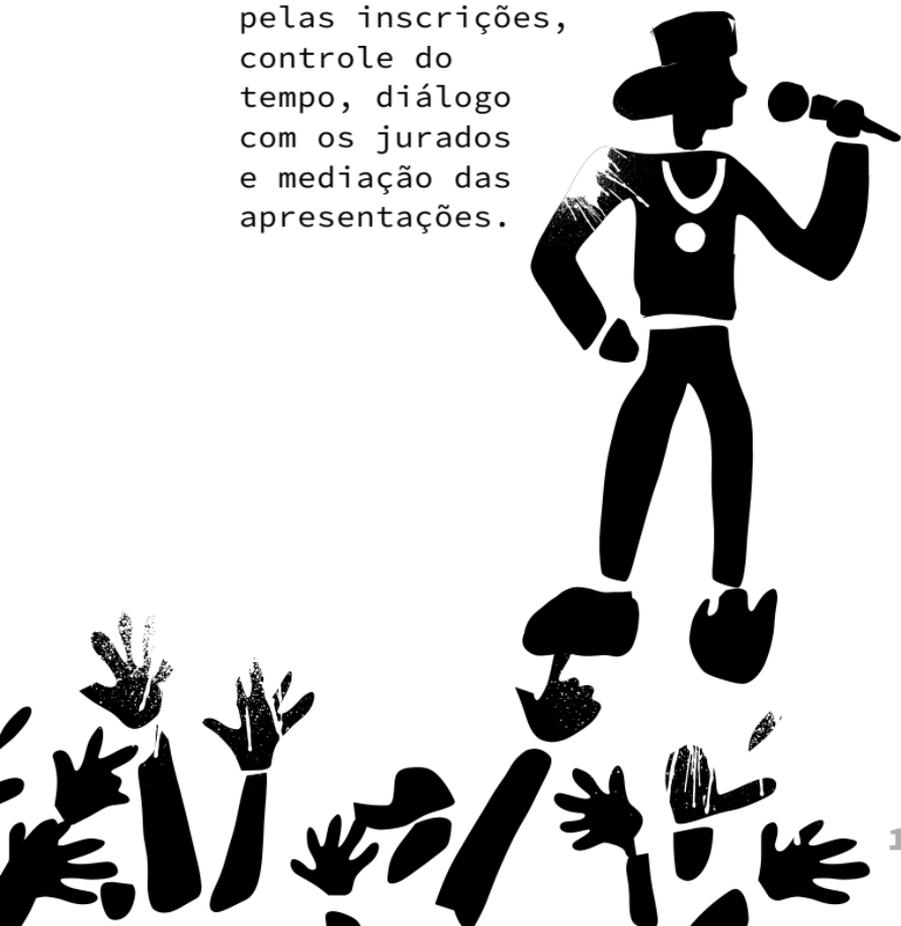
Como implementar nas escolas:

1. Identificar grupos que já realizam essa atividade na escola (se existirem) e convidá-los para integrar o *Slam* de forma institucionalizada, ou seja, como parte do currículo e do projeto escolar;
2. Formar uma comissão interessada na atividade, composta por estudantes



e profissionais da educação, podendo contar com grupos de saraus da comunidade;

3. Definir o espaço, o dia e o horário dedicados à atividade;
4. Elaborar material de divulgação para mobilizar a comunidade escolar;
5. Oferecer aulas sobre *Slams* para que os estudantes entendam seu histórico e contexto;
6. Formar o grupo de jurados;
7. Preparar o espaço;
8. Estabelecer um grupo responsável pelas inscrições, controle do tempo, diálogo com os jurados e mediação das apresentações.



COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Conhecimento:

Conhecimento: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Pensamento Científico, Crítico e Criativo –

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base

nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Repertório Cultural

– Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Comunicação –

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática, e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Língua Portuguesa EF:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Linguagens e suas tecnologias EM:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

HABILIDADES

Língua Portuguesa EF:

Produzir resenhas críticas, vlogs, vídeos, podcasts variados e produções e gêneros próprios das culturas juvenis (algumas possibilidades: fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais (livro, filme, série, game, canção, disco, videoclipe etc.) ou evento (show, sarau, slam etc.), tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções.

Linguagens e suas tecnologias EM:

Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, Slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

O que é?

Trata-se de uma atividade que oferece um espaço onde as pessoas se reúnem para cantar, tocar instrumentos, atuar, dançar, performar, recitar poesias e compartilhar a arte em sua pluralidade. Acredita-se que o sarau chegou ao Brasil por meio das elites coloniais, ainda no século XIX. Contudo, as populações racializadas e grupos historicamente discriminados utilizam a arte como veículo de denúncia. Comunidades periféricas, majoritariamente negras, criaram os saraus como espaços não apenas de denúncia, mas também de celebração e afirmação de suas identidades em seus territórios. Por esse motivo, atualmente, os saraus em contextos periféricos carregam em si o teor político das poesias, músicas e dos artistas locais, muitas vezes não reconhecidos no mainstream.

O que usam para fazer?

- Tempo de intervalo para a execução;
- Microfone;
- Sistema de som;
- Mesa e livros para expor os materiais;

- Estudantes dispostos a declamar poesias próprias ou de outros/as autores/as.

Como implementar nas escolas:

1. Identificar os grupos que já realizam esse tipo de atividade na escola, se houver, e convidá-los a participar de forma institucionalizada, ou seja, integrada ao currículo e ao projeto da escola;
2. Formar uma comissão interessada na atividade, composta por estudantes e profissionais da educação, podendo contar com grupos de saraus da comunidade;
3. Definir o espaço, dia e horário dedicados à atividade;
4. Elaborar material de divulgação para mobilizar a comunidade escolar;
5. Realizar aulas sobre saraus, para que os estudantes compreendam seu histórico e contexto;
6. Preparar o espaço;
7. Estabelecer um grupo responsável pelas inscrições, controle do tempo e mediação das apresentações.



Jogos intra e

BNCC



4
EDUCAÇÃO
DE QUALIDADE



3
SAÚDE E
BEM-ESTAR

ODS
Objetivos

COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Autoconhecimento e Autocuidado – Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

O que é?

Refere-se a competições de modalidades esportivas que podem envolver diferentes turmas de uma mesma escola ou escolas distintas. Para participar, cada equipe se inscreve, e os jogos são organizados em formato de rodadas, fase de grupos ou chaveamento. As modalidades podem incluir futebol, vôlei, basquete, handebol, atletismo, ciclismo, dança, ginástica artística, entre outras.

interescolares

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Educação Física EF:

Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.

HABILIDADES

Educação Física EF:

Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Quais recursos são utilizados?

- Quadras esportivas;
- Equipamentos específicos de cada modalidade (como bola, rede, tatames, chuteiras, coletes, entre outros);
- Piscinas;
- Pranchetas, papel e caneta para avaliadores e juízes;
- Computadores para organizar o cronograma, as rodadas e o sistema de pontuação.

Como implementar nas escolas:

- 1.** Identificar os grupos que já realizam atividades esportivas na escola, como campeonatos de futebol de várzea, e convidá-los a integrar essas ações ao currículo e ao projeto pedagógico da instituição;
- 2.** Definir as modalidades esportivas de acordo com as características da comunidade escolar;
- 3.** Estabelecer formas de recompensa e premiação, buscando, se necessário, parcerias com o comércio local;
- 4.** Criar um regulamento detalhado, com os princípios e as regras para a participação nos jogos;
- 5.** Abrir e homologar as inscrições;
- 6.** Elaborar e divulgar o cronograma dos jogos, informando o nome dos times, local, dia e horário das partidas;
- 7.** Preparar as comissões de avaliação e julgamento;
- 8.** Registrar os resultados no sistema de pontuação e divulgá-los de forma clara;
- 9.** Realizar as cerimônias de premiação, divulgando os vencedores.



Batalha de (Tik Tok)

BNCC

COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Repertório Cultural – Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

2. Comunicação – Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática, e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

3. Autoconhecimento e Autocuidado – Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

HABILIDADES

Educação Física EF:

Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.

Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Linguagens e suas tecnologias EM:

Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

Educação Física EF:

Experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos).

Planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas.

Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais.

Linguagens e suas tecnologias EM: Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

O que é?

A batalha de *Tik Tok* tem se popularizado entre crianças, adolescentes e jovens, especialmente após a retomada da vida fora do confinamento. Os "passinhos" referem-se a movimentos característicos das danças que viralizam no *Tik Tok*, frequentemente acompanhados por trechos de músicas populares ou, inversamente, por músicas que se tornam populares devido a uma dança viral na rede social. Essas danças, assim como o *Tik Tok*, viralizaram em 2020, durante o auge da pandemia, quando o aumento da ociosidade causado pela quarentena resultou em um maior consumo de redes sociais. Consequentemente, essas coreografias se tornaram amplamente conhecidas e, no ambiente escolar, foram introduzidas pelos estudantes, que recriaram o formato tradicional de batalhas de dança.

Quais são os recursos utilizados?

- Celulares;
- Caixas de som portáteis;

- Tempo disponível durante o intervalo.

Como implementar nas escolas:

1. Identifica-se os grupos que realizam esse tipo de atividade na escola – se existentes – e convida-se os estudantes a participarem de forma institucionalizada, ou seja, integrada ao currículo e ao projeto pedagógico da escola.
2. Os estudantes se organizam em círculos, colocam a música que será utilizada na batalha, seja no celular ou na caixa de som trazida por eles.
3. A cada música, dois ou mais participantes se enfrentam, reproduzindo os passinhos virais do *TikTok*.



Breaking

BNCC

COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Autoconhecimento e Autocuidado –

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas

O que é?

O *breaking* é uma dança acrobática, competitiva e pantomímica, que surgiu como disputas amigáveis entre jovens negros e hispânicos que buscavam se destacar por meio de movimentos como contorções, giros e saltos mortais, integrados a um corpo fluido, sincopado e com movimentos circulares. Essa dança se tornou uma forma de reivindicação da presença física nas superfícies urbanas. Segundo Michael Holman (2004), o *breaking* remonta a tradições africanas e europeias. Do



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Educação Física EF:

Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.

HABILIDADES

Educação Física EF:

Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

período da escravidão, herdou movimentos como saltos, pulos, quedas e giros, desenvolvidos sobre batidas e ritmos africanos, cujas complexidade e criatividade resultaram em competições – um traço comum na dança americana, que também se reflete no *breaking*. A prática de competir influenciou os concursos de "jiggy" nas plantações do Texas em 1850, o sapateado da década de 1920 e o jitterbug dos anos 1930 e 1940, culminando no *breaking* dos anos 1970. A imigração irlandesa, em 1850, trouxe para Manhattan a dança Irish Jig, que influenciou o

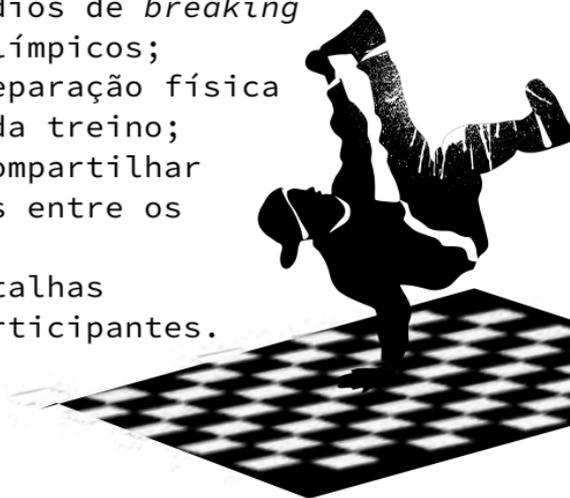
surgimento do sapateado americano e os passos do *breaking*. Em 1915, um dançarino negro de sapateado chamado Dewey Weinglass começou a desenvolver movimentos baseados em danças russas, que foram adotados por outros dançarinos afro-americanos e conectam-se com o top rocking, drops e footwork presentes no *breaking*. O *flashdance*, um estilo de sapateado desenvolvido na década de 1920, também influenciou as habilidades utilizadas no *breaking*. Além disso, os ritmos do R&B e do funk contribuíram para a consolidação dessa dança.

O que usam para fazer?

- Orientação física para preparação pré-treino;
- Roupas largas;
- Tênis esportivos;
- Toucas para performances que envolvem a cabeça;
- Espaço com chão liso;
- Caixa de som;
- Música.

Como implementar nas escolas:

1. Identificar os grupos que realizam esse tipo de atividade na escola – se houver – e convidá-los para integrar a prática ao currículo e ao projeto pedagógico;
2. Mobilizar estudantes que já praticam e/ou têm interesse em dança de rua;
3. Preparar o repertório musical para os encontros;
4. Definir local, dias e horários para a prática do *breaking*;
5. Contar a história e o contexto de surgimento do *breaking*;
6. Expor episódios de *breaking* nos Jogos Olímpicos;
7. Realizar preparação física antes de cada treino;
8. Treinar e compartilhar performances entre os estudantes;
9. Realizar batalhas entre os participantes.



COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Conhecimento: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Pensamento Científico, Crítico e Criativo – Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Repertório Cultural – Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Comunicação – Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática, e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.



**COMPETÊNCIAS
ESPECÍFICAS**

HABILIDADES

Língua Portuguesa EF:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Linguagens e suas tecnologias EM:

*Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, **protagonismo** e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.*

Língua Portuguesa EF:

Participar de práticas de compartilhamento de leitura/ recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, Slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva.

Linguagens e suas tecnologias EM:

Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentis, Slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

O que é?

Na década de 1960, houve um intenso fluxo migratório de jovens afro-caribenhos que se estabeleceram no Bronx, em Nova York. Foram os jovens jamaicanos que introduziram nas ruas do bairro as tradicionais festas de rua de seu país, conhecidas como *sound systems*. Esse formato era semelhante a um trio elétrico reduzido, utilizado para animar os bailes, os quais contavam com a presença dos *toasters* (precursores dos MCs), que, além de agitarem as festas, comentavam sobre a situação política das comunidades. O MC, ou Mestre de Cerimônias, além de animar o evento, canta em forma de rimas.

O *rap*, o *trap* e o *funk* se distinguem entre si pelo conteúdo das letras, estilo de mixagem, uso de *samples*, recortes e BPM (batidas por minuto). Contudo, todos compartilham a presença do MC. Além disso, cada um apresenta diferentes estéticas de vestuário, que influenciam a forma de circulação desses gêneros nas escolas.

Ferramentas e materiais utilizados:

- Temas relacionados ao contexto ou experiências subjetivas;

- Papel e caneta;
- Instrumentais no estilo *boom bap* ou *trap*;
- Microfone;
- Equipamento de som;
- DJ;
- Palco ou espaço para performance.

Como implementar nas escolas:

1. Identificar grupos que realizam essas atividades na escola – se houver – e convidá-los para integrar o projeto de forma institucionalizada, ou seja, incorporada ao currículo e ao projeto pedagógico da escola.
2. Contextualizar o papel dos MCs na prática do *rap*, *trap* e *funk*.
3. Realizar exercícios de construção autoral, nos quais os MCs escolhem temas, estilos e escrevem suas próprias músicas.
4. Selecionar os instrumentais para as composições (*rap*, *trap* ou *funk*).
5. Organizar a performance do Mestre de Cerimônias, que apresentará suas músicas ao público.

DJ (Disk Jockey)

BNCC

COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Repertório

Cultural – Repertório Cultural – Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

2. Comunicação –

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática, e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Arte EF:

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

Linguagem e suas tecnologias EM:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.



HABILIDADES

Arte EF:

Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

Explorar e analisar, criticamente, diferentes meios e equipamentos culturais de circulação da música e do

conhecimento musical.

Explorar e criar improvisações, composições, arranjos, jingles, trilhas sonoras, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, convencionais ou não convencionais, expressando ideias musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa.

Linguagem e suas tecnologias EM:

Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, Slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

O que é?

O Rap (*Rhythm and Poetry*) se configura pela junção de dois elementos do Hip-hop: o DJ (*Disc Jockey*) e o MC (*Master of Ceremony*). No início dos anos 1970, as festas de rua se espalharam pelos bairros do Bronx, e os jovens aperfeiçoaram técnicas de discotecagem, surgindo a figura do DJ. O papel dos DJs era fornecer as batidas para os dançarinos de *breaking* e a trilha sonora para as crews de *graffiti* (ROSE, 1994). Esses DJs conectavam suas caixas de som aos toca-discos por meio de “gatos” em postes nas ruas, transformando as interações nos parques, ruas e centros comunitários do Bronx. Os considerados pais fundadores do Hip-hop começaram suas trajetórias nesse movimento desenvolvendo técnicas inovadoras de discotecagem. Entre eles, destacam-se DJ Kool Herc, DJ Afrika Bambaataa e DJ Grandmaster Flash.

Foi o jovem Clive Campbell, conhecido como DJ Kool Herc, que imigrou da Jamaica para os EUA e se tornou um dos pioneiros dessa



prática no subúrbio de Nova Iorque, improvisando o uso de equipamentos de som em locais públicos (ROSE, 1994; CHANG, 2005). O pai de Kool Herc, que era músico, transformou o quarto do filho em um depósito de equipamentos de som após sua banda não ter sucesso. Embora inicialmente proibido de mexer nos aparelhos, Kool Herc teve contato com essas ferramentas na casa de um amigo no Bronx. Quando começou a manipulá-los, inovou a discotecagem e as festas de rua ao unir dois toca-discos por meio de um mixer. Kool Herc criou a técnica de colagem de breakbeats, estendendo os trechos instrumentais das músicas (JORGE, 2004; ROSE, 1994). Logo, ficou conhecido em todo o Bronx por seus equipamentos de som e suas técnicas inovadoras. Atualmente, os DJs animam festas e produzem músicas para vários estilos, especialmente *rap*, *trap* e *funk*.

O que eles usam para isso?

- Toca-discos
- Mixer
- Sistema de som
- Discos de vinil



- Computador
- Programas de produção musical

Como implementar nas escolas:

1. Identificam os grupos na escola que já praticam essa atividade, se houver, e os convidam a atuar de forma institucionalizada, integrada ao currículo e ao projeto escolar.
2. Montam o equipamento em um espaço adequado para a performance musical.
3. Reúnem discos de vinil que possuem em casa ou com familiares.
4. Aprendem técnicas de discotecagem com DJs experientes.
5. Aprendem técnicas de produção musical com DJs experientes.
6. Performam em momentos de sociabilidade e nas festas da escola.
7. Apresentam-se com os MCs nos shows de *rap*, *trap* e *funk*.



Graffiti

BNCC

COMPETÊNCIAS GERAIS

1. Repertório Cultural

– Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

2. Comunicação –

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática, e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

Arte EF:

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

Língua e suas tecnologias EM:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.



HABILIDADES

Arte EF:

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Matemática EM:

Resolver e elaborar problemas que envolvem o cálculo de áreas totais e de volumes de prismas, pirâmides e corpos redondos em situações reais (como o cálculo do gasto de material para revestimento ou pinturas de objetos cujos formatos sejam composições dos sólidos estudados), com ou sem apoio de tecnologias digitais.

Língua e suas tecnologias EM:

Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

O que é?

O *graffiti* teve início em 1971, na forma de “tags”, com a proliferação da assinatura “TAKI 183” nos metrô de Nova Iorque. A mensagem chamou a atenção dos cidadãos locais e ganhou destaque na imprensa, levando o jornal *The New York Times* a investigar a prática e publicar uma matéria com entrevista ao jovem autor (CASTLEMAN, 2004). Taki, na verdade, era um adolescente de origem grega chamado Demétrio, que vivia em Manhattan, na rua 183, entre uma população afro-americana e caribenha. Enquanto trabalhava como mensageiro, ele registrava seu nome em todos os vagões do metrô durante suas viagens pelos bairros da cidade (ROSE, 1994). A entrevista com “TAKI 183” no periódico nova-iorquino contribuiu para a expansão do *graffiti* na cidade, sendo o jornal responsabilizado pela sociedade por ter dado visibilidade a essa manifestação.

A arte de *graffitar* expandiu-se rapidamente entre adolescentes dos subúrbios nova-iorquinos, que



ficaram impressionados com a polêmica e notoriedade pública em torno dos registros de “TAKI 183”. Na busca por visibilidade, esses jovens começaram a imprimir, de maneira competitiva, seus nomes e as ruas de origem nos vagões de metrô, prédios públicos e paredes de Nova Iorque (ROSE, 1994). Eles desenvolviam técnicas de pintura com spray e seguiam um ritual de preparação para enfrentar situações de risco, que exigiam conhecimento sobre tempo, perigo e os horários em que os trens estavam fora de serviço. Esses metrôs, então, circulavam pela cidade com as marcas artísticas desses jovens (ROSE, 1994). Existem diferentes tipos de *graffiti* para pesquisa: *Wild Style*, *Abstracto*, *Dirty*, *Ícones*, *Block Letter*, *Tags*, *Bomber*, *3D*, entre outros.

O que usar para fazer graffiti:

- Espaço disponível para grafiteagem na escola;
- Papel, lápis e borracha;
- Lata de tinta para pintura de fundo;
- Rolos de pintura;

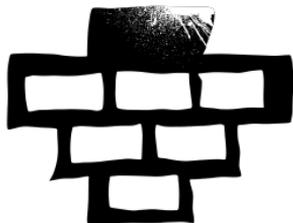
- Latas de tinta spray para pintura dos desenhos;
- Graffiteiro experiente para orientar a ação.

Como implementar nas escolas:

1. Identificar os grupos que realizam esse tipo de atividade na escola - se houver - e convidá-los a participar de forma institucionalizada, ou seja, integrada ao currículo e ao projeto pedagógico.
2. Garantir as condições materiais: a escola deve firmar parcerias com artistas graffiteiros locais para realizar as atividades. Se possível, garantir recursos para valorizar a atuação desses artistas enquanto educadores.
3. Ao estabelecer a parceria, verificar junto aos artistas quais são os materiais necessários para as oficinas. Como os recursos para o *graffiti* costumam ser caros, a escola pode fazer parcerias com lojas de tintas ou comércio

locais para obter os materiais ou organizar eventos para arrecadar fundos. Vale usar a criatividade.

4. As oficinas devem ser divulgadas entre os alunos nos espaços comuns da escola. Se houver um número limitado de vagas, é importante realizar um processo de seleção que considere a diversidade do ambiente escolar.
5. Os educadores devem introduzir aos alunos a história do *graffiti* e suas diversas formas de expressão, explicando seu papel na cultura *Hip-hop* e sua relevância no contexto local.
6. Os alunos irão *graffitar* seus projetos, previamente rascunhados nas oficinas, nos muros da escola disponibilizados pela gestão. É importante que esses espaços sejam visíveis e de convivência entre os alunos.
7. Após a finalização do projeto, professores de diferentes disciplinas podem organizar uma visita à “galeria de céu aberto” criada pelos estudantes da escola.





ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A sistematização das práticas protagonizadas pela geração *Hip-hop* e a pesquisa sobre culturas juvenis no ambiente escolar marcam um avanço importante no desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas. Este trabalho busca apoiar os profissionais da educação ao apresentar uma abordagem que reconhece e valoriza as diversas formas de expressão cultural dos jovens.

Com a publicação deste material, propomos uma reflexão sobre o papel da escola e sua necessidade de se tornar, de fato, um espaço democrático. A escola deve acolher as múltiplas vozes que a constituem, valorizando as diferentes experiências e perspectivas de mundo. As práticas pedagógicas inspiradas na cultura *Hip-hop* não apenas promovem o engajamento estudantil, mas também contribuem para a construção de um ambiente educacional mais diverso, acessível e acolhedor.

A Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, oferece suporte à pedagogia *Hip-hop*. O *Hip-hop*, como expressão cultural negra e periférica, encontra nessa legislação um solo fértil para ser integrado como uma tecnologia educativa. Ele não apenas promove o reconhecimento das raízes afro-brasileiras, mas também fortalece a identidade e autoestima dos jovens negros. Essas leis reforçam o papel da escola em valorizar as contribuições históricas e culturais dos povos africanos e indígenas, e o *Hip-hop* se apresenta como uma ferramenta pedagógica que favorece a inclusão e a conscientização dos estudantes sobre suas próprias histórias. Ele não apenas promove o reconhecimento das raízes afro-brasileiras, mas também fortalece a identidade e autoestima dos jovens negros. Essas leis reforçam o papel da escola em valorizar as contribuições históricas e culturais dos povos africanos e indígenas, e o *Hip-hop* se apresenta como uma ferramenta pedagógica que favorece a inclusão e a conscientização dos estudantes sobre suas próprias histórias.

Além de manifestação cultural, o *Hip-hop* pode ser compreendido como uma "tecnologia negra", ou seja, uma maneira de criar, transformar e disseminar conhecimentos



a partir das vivências das populações negras e periféricas. Quando integrado às práticas pedagógicas, desafia as metodologias tradicionais, promovendo uma educação mais horizontal, inclusiva e dialógica. Ele coloca as vozes e narrativas dos jovens no centro do processo de aprendizagem, fomentando sua autonomia – o que é fundamental para a construção de uma educação antirracista e emancipatória. Assim, a pedagogia *Hip-hop*, amparada pela Lei 11.645, não apenas promove uma educação mais justa, mas também reafirma o protagonismo dos jovens negros na construção de novos saberes e na transformação social.

Ao integrar as pedagogias da geração *Hip-hop* no currículo escolar, proporciona-se aos estudantes a oportunidade de expressarem suas realidades e aspirações de maneira autêntica. Essas práticas, que estimulam o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, são essenciais para a formação de cidadãos conscientes e participativos. Além disso, a valorização das culturas juvenis no contexto escolar contribui para a redução das desigualdades educacionais, ao reconhecer e respeitar os saberes e vivências dos estudantes.

Nesta publicação, oferecemos sugestões para sistematizar atividades que possam inspirar educadores a explorar, junto aos

alunos, as ricas culturas juvenis presentes nas periferias. Sabemos que cada realidade escolar é única, e cabe ao educador, em diálogo com os estudantes, adaptar e expandir essas propostas, aproveitando a criatividade e a diversidade de suas comunidades.

Por fim, refletimos que, apesar das desigualdades no acesso à tecnologia, as ferramentas digitais já fazem parte do contexto escolar, o que evidencia a importância de promover o letramento digital. O avanço tecnológico transformou as formas de interação e colaboração, ampliando as possibilidades de aprendizagem, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Concluimos reafirmando que a incorporação das culturas juvenis, como o *Hip-hop*, nas práticas pedagógicas não só enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas também contribui para a criação de uma escola que valoriza a diversidade e promove a equidade. A construção de um ambiente educacional democrático depende do reconhecimento e valorização das múltiplas formas de conhecimento e expressão dos jovens, sobretudo os oriundos das periferias. Esperamos que este material sirva de ponto de partida para a implementação de iniciativas que fortaleçam o protagonismo juvenil e a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis:punks e dark no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, 1994.

CAMARGO, Rosemary Pereira de. Realidades e potencialidades no distrito do Capão Redondo, SP: estudo de caso sobre o lazer local. 2008. 83f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Dispositivo de Racialidade: A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 1o ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2023.

CARONE, Iray. Prefácio. In: AMARAL, Mônica G. T; CORTEZ, Maria C. (Orgs). Educação públicas nas metrópoles brasileiras: impasses e novos desenlaces. Jundiaí, SP: Paco Editorial; São Paulo: Edusp, 2011.



COLLINS, Patricia Hill. Learning from the outsider within: The sociological significance of Black Feminist Thought. Oxford Journals, vol. 33, No. 6, pp. S14-S32, Oct-Dec., 1986.

DIAS, Cristiane Correia. *Por uma pedagogia Hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica*. (Dissertação de Mestrado em Educação). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.48.2019.tde-12122018-152518. Acesso em: 2023-04-06.

DIAS, Darlan Carlos; **MARCHI**, Rita de Cássia. Um estudo sobre “culturas juvenis” na escola. ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO -PPGE/ME ISSN 1809-0354 v. 7, n. 4, p. 1053-1080, dez. 2012.

DUARTE, Aldimar Jacinto. As culturas juvenis como campo de distinção social e de disputas simbólicas. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata, 2014.

EMDIN, Christopher. Introduction. In: *#HipHopEd: The Compilation on Hip-hop Education*. Publisher: Leiden; Brill Sense, 2018.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, p. 11, 1997.

LIA, GIOVANNA et al. Estudo Físico Urbanístico - Distrito do Capão Redondo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020. Acesso em 01/10/2022, disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5447797/mod_resource/content/1/Grupo%205.pdf



MACEDO, M. Baladas Black e Rodas de Samba da Terra da Garoa. In: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (Org.). Jovens na Metr pole: Etnografias dos Circuitos de Lazer, Encontro e Sociabilidade. 1ed.São Paulo: Terceiro Nome, 2007, v., p. 189-224.

REIS, Juliana Batista dos Juventudes: culturas juvenis e cibercultura / Juliana Batista dos Reis, Shirlei Rezende Sales. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

ROSE, Tricia. Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America. Hanover, NH: Wesleyan Univ. Press. 1994.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Diretoria de Ensino Sul 2. Escola Estadual Afiz Gebara. Plano de Gestão, 2019 a 2022.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Diretoria de Ensino Sul 2. Escola Estadual Ronaldo Garibaldi Peretti. Plano de Gestão, 2019 a 2022.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexist ncia: culturas e identidades no movimento *Hip-hop*. Tese de doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/NÚCLEO DE ESTUDOS DE VIOLÊNCIA. Relatório de Cidadania II - Os Jovens, a Escola e os Direitos Humanos. Rede de Observatório dos Direitos Humanos. São Paulo, 2000. Acesso em 01/10/2022. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/os_jovens_a_escola_e_os_direitos_humanos.pdf

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Dias, Cristiane

Pedagogias *Hip-hop* e as culturas juvenis nas escolas [livro eletrônico] / texto Cristiane Dias, Gabriela Costa Lima, Jaqueline Lima Santos ; coordenação Suelaine Carneiro. -- São Paulo : Geledés, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-62750-07-6

1. Educação 2. *Hip-hop* (Cultura popular) - Aspectos sociais - Brasil 3. *Hip-hop* (Música) 4. *Rap* (Movimento musical) - Aspectos sociais 5. *Rap* (Música) - Brasil 6. Juventude - Educação 7. Pesquisa - Educação I. Lima, Gabriela Costa. II. Santos, Jaqueline Lima. III. Carneiro, Suelaine. IV. Título.

24-222242

CDD-370.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e cultura 370.9

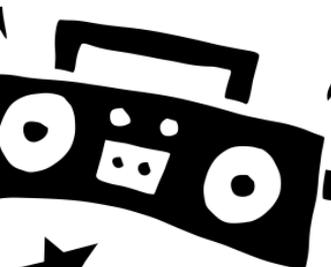
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253





GRAFFITI

HIP HOP



BEATS



MC





CELEDÉS
INSTITUTO DA MULHER NEGRA.



Itaú Educação
e Trabalho

